

120



De um cartão postal enviado por Henrique Magalhães

LIQUIDAÇÃO DE REVISTAS – 11

Oferta de revistas e álbuns a preços muito baixos. O custo de envio está incluído no preço. O estado de conservação de cada edição está indicado, seguindo a convenção: (MB) – Muito Bom; (B) – Bom; (R) – Regular; (P) – Pêssimo. Cada edição ficará reservada ao primeiro que escrever encomendando-a. Após a confirmação, o interessado deve enviar o pagamento em vale postal ou cheque nominal a **EDGARD GUIMARÃES**.

Aventuras dos Trapalhões (Abril) (R) 2, 3, 12 – R\$ 4,00 c/ * **Fofão** (Abril) (R) 1, 7 – R\$ 4,00 c/ * **Pato Donald – Edição Especial Omo** (Abril) (R) – R\$ 5,00 * **Peninha** (Abril) (MB) 1, 2 – R\$ 3,00 c/ * **Margarida** (Abril) (MB) 17 – R\$ 3,00 * **Aventuras Disney** (Abril) (MB) 42 – R\$ 5,00 * **Thor** (Bloch) (R) 12 – R\$ 5,00 * **Demolidor** (Bloch) (R) 1 – R\$ 5,00 * **Almanaque do Popeye** (Bloch) (R) 1 – R\$ 6,00 * **Popeye** (Bloch) (R) 25 – R\$ 4,00 * **Mutt e Jeff** (Saber) (B) 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8 – R\$ 8,00 c/ * **Popeye** (Paladino) (R) 13 – R\$ 5,00 * **Capim Gordura** (Super Plá) (R) 1 – R\$ 5,00 * **Ringo Kid** (Interpolar) (B) 1 – R\$ 5,00 * **Teleco** (Saber) (R) 8, 9 – R\$ 5,00 c/ * **Tico e Teca Especial** (Idéia) (R) – R\$ 8,00 * **Almanaque Gasparzinho** (Vecchi/julho de 1976) (B) – R\$ 10,00 * **Especial de Quadrinhos** (Grafipar) (B) 10 – R\$ 5,00 * **Mafalda de bolso** (Dom Quixote) (R) 10 – R\$ 5,00 * **Canguru** (Portugal Press) (P) 1, 12 – R\$ 4,00 c/ * **Magô de Id** (Artenova) (R) 1 – R\$ 5,00 * **O Ano Pelo Aveso** (P) – R\$ 5,00 * **Cacá e sua Turma** (VMV) (R) 26 – R\$ 4,00 * **Fantasma** (RGE) 237 (R) – R\$ 4,00 * **Padrinhos Mágicos** (On Line) (B) 5, 9 – R\$ 4,00 c/ * **The Powerpuff Girls** (On Line) (B) 3 – R\$ 4,00 * **O Pequeno Ninja** (On Line) (B) 6 – R\$ 4,00 * **Capitu e Outras Evas** (Melhoramentos) (P) – R\$ 4,00 * **Acho Tudo Muito Estranho** (R) – R\$ 6,00 * **Garfield** (L&PM) (MB) 7 – R\$ 10,00 * **Perigo de Morte** (Portugal Press) (B) – R\$ 5,00 * **Tex Tone** (Fada do Lar) (B) 128, 129 – R\$ 5,00 c/ * **Circumex** (Abril) (R) 4, 5, 8 – R\$ 3,00 c/ * **Mini Tonto** (B) 14, 15 – R\$ 5,00 c/ * **Acabou-se o que Era Doce** (B) – R\$ 6,00 * **Almanaque Especial Turma do Sítio** (Globo) (B) 1 – R\$ 5,00 * **Almanaque Turma da Tina** (Globo) (B) 1 – R\$ 5,00 * **Ataque** (B) 1 – R\$ 5,00 * **Último Vão Livre** (MRD) (B) – R\$ 5,00 * **Terceiro Testamento** (Witloof) (B) 4 – R\$ 20,00 * **Pato Donald – Uma Máquina Prodigiosa** (Ibis) (B) – R\$ 20,00 * **A Direita de Cara à Banda** (Caminho) (B) – R\$ 10,00 * **Tintim – O Ídolo Roubado** (Flamboyant) (R) – R\$ 20,00 * **Tintim – As 7 Bolas de Cristal** (Flamboyant) (R) – R\$ 20,00 * **As Viagens de Gulliver** (Celbrasil) (R) – R\$ 20,00 * **Branca de Neve e os Sete Anões** (Celbrasil) (R) – R\$ 20,00 * **Pinóquio** (Celbrasil) (R) – R\$ 20,00 * **Os Desastres de Sofia** (Verbo) (R) – R\$ 20,00 * **Um Involgar Anjo da Guarda** (Witloof) (MB) – R\$ 20,00 * **Bilboc e Tânia – Uma Dupla da Pesada** (Caramelo) (B) – R\$ 20,00 * **Grandes Batalhas – Dunquerque** (Bertrand) (B) – R\$ 20,00 * **Flecha 2000** (B) 61, 63, 71 – R\$ 3,00 c/ * **Yolanda – A Filha do Corsário Negro** (Agência Portuguesa de Revistas) (R) – R\$ 5,00 * **Mundo de Aventuras Especial** (P) 18 – R\$ 4,00.

QUADRINHOS INDEPENDENTES

Nº 120 MARÇO/ABRIL DE 2013

Editor: Edgard Guimarães – edgard@ita.br
Rua Capitão Gomes, 168 – Brasópolis – MG – 37530-000.
Tiragem de 120 exemplares, impressão digital.

PREÇO DA ASSINATURA: R\$ 20,00

Assinatura anual correspondente aos nºs 119 a 124
Pagamento através de cheque nominal, selos, dinheiro
ou depósito para Edgard José de Faria Guimarães:
Caixa Econômica Federal – agência 1388
operação 001 – conta corrente 5836-1

O depósito pode ser feito em Casa Lotérica (só em dinheiro).

Envie, para meu controle, informações sobre o depósito:
dia, hora, cheque ou dinheiro, caixa automático ou lotérica.

ANÚNCIO NO “QI”

O anúncio para o “QI” deve vir pronto, e os preços são:

1 página (140x184mm):	R\$ 40,00
1/2 página (140x90mm):	R\$ 20,00
1/2 página (68x184mm):	R\$ 20,00
1/4 página (68x90mm):	R\$ 10,00
1/8 página (68x43mm):	R\$ 5,00

contém os encartes ‘cotidiano alterado’ 8 e 9 e ‘História em QuaDadinho’

EDITORIAL

Esta edição começa com um desenho que não fiz. Recebi de Henrique Magalhães um postal meio antigo com uma imagem que, se posso dizer, atçou minha imaginação. E logo tive uma ideia para uma ilustração que seria a capa deste “QI”. Só que, pensando bem, percebi que minha ideia já estava embutida no postal original. Então, achei melhor colocar o próprio postal na capa.

Mais um número de muito texto, muita informação, muita opinião, muita divulgação, e, para tanto “muito”, 4 páginas a mais. Esta edição está saindo com 36 páginas, mas isso não deve se manter.

Também incluí mais um encarte, além das duas páginas do ‘cotidiano alterado’. Esses encartes a mais também são esporádicos. Mas, mordendo a língua, já tem mais um pronto para o próximo número. Estou divulgando dois eventos relacionados a quadrinhos e fanzines que já terão ocorrido ou passado do prazo de inscrição quando este “QI” chegar às mãos dos leitores. No entanto, como são eventos regulares, os interessados poderão ficar atentos para suas próximas edições.

Boa leitura!

HERÓIS BRASILEIROS

ZODÍAKO

Edgard Guimarães

Segundo Eduardo Cimó, na edição “Heróis Nacionais” (“Fã-Zine” 18):

“Zodiako foi criado por Jayme Cortez em 1974, para a revista “Crás!” da editora Abril, depois virou álbum em 1975, recebendo o Troféu ‘O Tico-Tico’ no II Congresso de Histórias em Quadrinhos de Avaré. No mesmo ano, Zodiako foi exposto no Teatro Ruth Escobar e participou do Salone Internazionale de Lucca 11, na Itália. No ano seguinte foi publicado na revista italiana “Sgt. Kirk”.”

Lancelott, no “Catálogo de Heróis Brasileiros”, acrescenta:

“O herói é uma criação dos signos zodiacais que se utilizam dos elementos antigos para formatarem seu emissário – Zodiako – e redimir o planeta Terra dos despóticos e destruidores, e isso em plena ditadura militar brasileira, que não se apercebeu da crítica bem elaborada e profunda do autor.”

E Ronaldo Cavalcanti, em “O Mundo dos Quadrinhos”, completa:

“Série fantástica criada por Jayme Cortez com argumentos de C. Porta.”

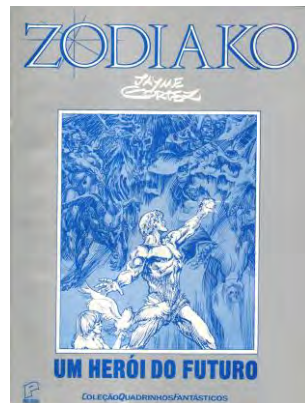
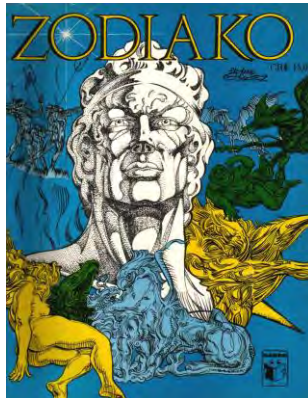
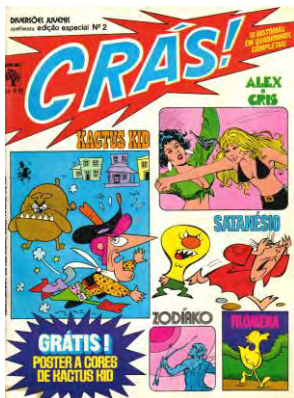


Pelo que se pode deduzir, Jayme Cortez criou ‘Zodiako’ para publicação em capítulos na revista “Crás!”, pois esta era uma das características da revista, mesclar histórias fechadas com séries com personagens fixos (‘Alex e Cris’ e ‘Vavavum’, só para citar as de aventuras). Ao contrário das duas séries mencionadas, que traziam histórias completas, ‘Zodiako’ era uma aventura longa dividida em capítulos em continuação. O primeiro capítulo, de 6 páginas, saiu no nº 2 de “Crás!”, em maio de 1974. A história saiu colorida, pois esta era outra característica da revista, não publicava histórias em preto e branco. Ao meu ver, não haveria nenhum problema em publicar material preto e branco junto com histórias coloridas, mas os editores deviam ter seus motivos (a seção de cartas do nº 2 mostra que a proposta de “Crás!” já era bem ousada para a cabecinha da maioria dos leitores da época).

O nº 1 de “Crás!” já havia publicado uma HQ de Jayme Cortez, ‘O Retrato do Mal’, em cores. Sobre esta HQ, Cortez declarou que a fez para publicação em preto e branco, e que a preferia assim, mas aceitou que a colorissem em “Crás!” para não perder o espaço de publicação. A partir daí, é possível supor que ‘Zodiako’ também tenha sido feita para publicação em preto e branco. Na minha opinião, em ‘O Retrato do Mal’, o colorido forte e chapado prejudicou os desenhos, mas em ‘Zodiako’, os tons mais leves e melhor aplicados valorizaram a história.

A revista “Crás!” mudou bastante sua linha editorial a partir do nº 3, passou do formato magazine para o formatinho e privilegiou as HQs mais humorísticas e infantis. Assim, ‘Zodiako’ não teve mais espaço na revista, tendo sido publicado somente o primeiro capítulo de 6 páginas.

Em meados de 1975, a editora Saber publicou o álbum “Zodiako” (sem o assento), em preto e branco, capa colorida cartonada, reunindo 45 páginas relativas à série. Segundo Álvaro de Moya, no texto de apresentação do álbum, mesmo sem o espaço de publicação na revista “Crás!”, Cortez decidiu dar continuidade à série, pois já havia previsão para publicação em álbum na França e na Itália. Arrisco o palpite de que Cortez já tinha produzido os 3 primeiros capítulos para “Crás!”, totalizando 20 páginas (os dois primeiros capítulos de 6 páginas cada e o terceiro de 8 páginas), quando a revista mudou sua fórmula. Assim, com 20 páginas já prontas, fez mais um capítulo de 23 páginas para completar um álbum. Meu palpite é baseado no fato de que as 23 páginas restantes não estão mais divididas em capítulos, o desenho não tem a qualidade mostrada nos três capítulos iniciais e o tema da série mudou radicalmente. Voltarei a este assunto.



Não sei dizer se foram publicados os mencionados álbuns de ‘Zodiako’ na França e na Itália, mas em 1979, a revista portuguesa “Riquiqui”, da editora Portugal Press, publicou, em dois números, as 45 páginas existentes da série. O nº 9 publicou os três primeiros capítulos (20 páginas) mais uma página inicial com um desenho inédito de Cortez e os dizeres: “O autor, seu colaborador e o editor deixam aqui a ilustração do que será o final das aventuras de Zodiako, caso ele falhe na sua missão. Como ninguém estará aqui para contar como foi, nada mais fizemos que usar nossa imaginação.” E acima do texto um desenho estilizado de uma grande explosão. O nº 12 da revista portuguesa trouxe as 23 páginas do capítulo final da série, mais uma página extra no final com imagens do que seriam as próximas aventuras do herói. Estas páginas inicial e final estavam presentes no álbum da editora Saber, mas foram retiradas do álbum publicado pela editora Press em 1986. Pelo que se sabe, Cortez não produziu mais nenhum material dessa série.

No texto de apresentação do álbum da Saber, Moya escreve: “... tenho certeza, seu trabalho receberá as mesmas restrições feitas a Alex Raymond em ‘Flash Gordon’, ao trabalho de Guido Crepax e Esteban Maroto: pena que o texto não esteja à altura do desenho...”. A questão, no entanto, é outra: a primeira metade e a segunda metade da história são duas obras distintas. Não sei quem é C. Porta, nem qual sua participação em ‘Zodiako’, seu nome aparece como colaborador apenas no primeiro capítulo da série. Terá sido o idealizador da série, que depois foi desenvolvida por Cortez?

As primeiras 20 páginas de ‘Zodiako’ (os 3 primeiros capítulos) são a promessa de uma obra-prima dos quadrinhos mundiais, onde o argumento e o desenvolvimento do roteiro não ficariam ofuscados pelos belos desenhos de Cortez. Logo no cabeçalho da primeira página da história, um banho de síntese e desenho estilizado (reproduzido na página anterior). Nem o erro grosseiro de atribuir “milhões” de anos, em vez de bilhões, ao planeta Terra diminui o impacto dessa abertura. Essa bela ideia de fazer a ligação entre as explosões que caracterizam o Sol (uma sucessão de reações de fusão nuclear) com o atual estado da Terra, onde o homem dominou esse conhecimento de fusão (a base da bomba de Hidrogênio) é, ao meu ver, o grande trunfo da série. Contrapondo a esse embasamento científico, a fantasia de colocar os signos do zodíaco como entidades que influenciam e são influenciados pela Terra. E que chamam a si a responsabilidade de resolver o problema do perigo que o domínio do conhecimento atômico pode representar para o universo. Tudo muito bem idealizado e escrito. Na terceira página, quando um signo sugere que se faça uma consulta ao Sol sobre o problema, novamente a relação entre a estrela e a reação nuclear é colocada na fala dos Gêmeos: “Mas não são da Grande Força (o Sol) as chamas que o filho herdou?”. A história segue mantendo o nível, seja nas discussões entre os signos (aos quais são atribuídas qualidades e defeitos humanos), seja na inclusão de dois novos signos, seja na solução encontrada pelos signos de criar um emissário que seja enviado à Terra para conhecer o problema em detalhe. O emissário criado pelos signos tem a forma de uma estátua grega de pedra, no entanto, é necessária a intervenção da Grande Luz para lhe dar vida. Assim, surge o herói Zodiako, que tem sua personalidade e poderes concedidos pelos signos. Essas primeiras 20 páginas apresentam o problema central da série, colocam como solução a criação de um herói (que só aparece pela primeira vez na página 14) e aponta para a continuação da aventura – a missão de Zodiako de conhecer (e resolver) o problema da Terra. Tudo irrepreensível. Tudo bem dosado, tema sério com enfoque fantástico, apelo ao misticismo, sem, no entanto, ceder ao hermetismo, e, sim, o melhor desenho possível, Jayme Cortez no auge.

O capítulo final, composto de 23 páginas, até recebeu título: ‘Adeus, Apolo!’. Se fosse lido como uma história independente, seria até razoável. E tem boas ideias, como mencionou Lancelott, faz um ataque ao totalitarismo em plena ditadura brasileira. O problema é quando comparado à primeira metade da série. Não há mais o enfoque sério de um problema real (a possibilidade de um conflito nuclear), a base científica do enredo, a riqueza dos diálogos. Tudo vira um deboche só com a total perda do rumo apontado até então. Zodiako vai ao Sol, que é governado por um Apolo decadente e despota, protegido por um batalhão de dragões, ou melhor, de drag queens. Apolo se joga no chão e tem chilique, chama Zodiako de boneco e se transforma em cinza quando atacado por... mulheres. Zodiako destrói algumas feras aumentando de tamanho e... urinando nelas. O que causa o comentário de um drag: “nunca tinha visto arma TÃO poderosa”. Boca do lixo encontra a HQB.

Nada contra a temática ou o deboche, mas tudo contra a mudança de rumo de uma obra que começou como uma grande promessa e, sabe-se lá o motivo, terminou como um grande fiasco.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O “QI”

Edgard Guimarães

Entrevista concedida em 2007 para um Trabalho de Conclusão de Curso cujo tema principal foi a produção do “QI”.

HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO “QI”

Você poderia descrever como foi a publicação das séries ‘Calvo’, ‘Mundo Feliz’ e ‘Caravana dos Solitários’? Como era o processo de manter o “QI” e desenvolver projetos que envolvem desde o desenvolvimento do roteiro a desenhar as histórias?

O primeiro fanzine que fiz, o número 1 de “Psiu”, foi para divulgar meu trabalho como quadrinhista e trouxe somente HQs minhas. Depois a atividade como editor passou a tomar o meu tempo livre, atrapalhando minha atividade como quadrinhista. Quando reformulei o “QI” no número 40, uma de minhas metas era voltar a produzir quadrinhos e publicar pelo menos um trabalho a cada número. No início, utilizei coisas que tinha prontas e tentei fazer parcerias onde eu fizesse somente o trabalho de roteirista. Consegui dois parceiros, o Rocco para a série ‘Calvo’ e o Júlio Magalhães para a série ‘A Infância de Calvo’. Mas as atividades profissionais de cada um não permitiram uma parceria mais intensa, então decidi eu mesmo desenhar uma série mais extensa, e daí surgiu ‘Mundo Feliz’. Teve uma repercussão muito boa entre muitos leitores. Quando a terminei, comecei logo outra série, cujo nome não é mencionado em nenhum lugar (o nome ‘Caravana dos Solitários’ na verdade é o nome de uma ilustração avulsa que coloquei numa capa, não é o nome dessa série atual). Esta série não tem agradado os leitores, mas insisto com ela, pois acredito que é material muito bom. Talvez a leitura fragmentada não deixa aparecer sua qualidade. Tanto essa série como ‘Mundo Feliz’ foram concebidas com um desenho simplificado para que eu tenha condições de produzi-las. E com este traço bem simplificado eu consigo uma produção bem rápida.

Qual o futuro das HQs no “QI”? Novos autores serão convidados ou você continuará à frente de novas séries?

Tenho várias ideias para muitas séries. Provavelmente iniciarei alguma série nova antes mesmo de terminar a atual. Espero que a nova série caia mais no gosto dos leitores. É minha intenção aumentar minha participação com HQ na nova fase do “QI”, e também aumentar a participação dos leitores com HQs. Ainda estou decidindo se poderei publicar HQs dos colaboradores sem pedir ajuda para o pagamento dos custos de impressão.

ANÚNCIOS NO “QI”

Como surgiu a ideia de realizar os anúncios?

Quando planejei editar o “QI”, numa reunião na Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas de São Paulo, descobri que a AQC também tinha esta intenção. O responsável pela AQC, o Worney, propôs que fizéssemos a edição conjunta. Então, a edição toda era feita por mim, eu enviava o material pelo correio para o Worney, que cuidava da impressão em São Paulo. Ai eu ia a São Paulo buscar as edições impressas. O custo era dividido entre mim e a AQC. Para pagar o custo da parte da AQC, o Worney ficou com uma página para colocar um anúncio. Foi assim que os anúncios surgiram no “QI”. Esse esquema durou bastante tempo. Depois o espaço foi aberto aos leitores que desejavam anunciar alguma coisa, como edições, eventos, etc. E finalmente a ideia evoluiu para a inclusão de colaborações pagas, neste caso, o preço era inferior ao cobrado pelos anúncios.

Quais são os principais clientes? Eles enviam os anúncios formatados, ou cabe a você adequá-los ao fanzine?

Os anúncios conseguidos pelo Worney eram buscados nas editoras de quadrinhos da época, pois o Worney tinha e tem bastante contato na área. Os demais anúncios, enviados pelos leitores, partem da iniciativa deles próprios. Eu não realizo um trabalho de coleta de anúncios. A maioria dos anunciantes envia o anúncio pronto, e eu prefiro assim, pois o anúncio sai do gosto do freguês. Mas alguns me pedem para eu mesmo diagramar o anúncio. Ai eu faço da maneira mais convencional, dando prioridade às informações. Os tamanhos padronizados dos anúncios estão informados na página 2 do fanzine. Às vezes eu recebo algum anúncio fora do padrão, mas até hoje sempre consegui adaptá-los.

Existiu alguma tentativa de patrocínio para o fanzine?

Não. Nunca tentei isso, por dois motivos. O primeiro é que eu não tenho muita vocação para pedir dinheiro. Na grande maioria das vezes, os sistemas para obtenção de dinheiro exigem um grande esforço de quem pede e não resulta em nada. Eu não tenho esse tempo a perder. Faço o que posso com meus próprios recursos. É menos, mas é confiável. O outro motivo é que faço publicação INDEPENDENTE. Por isso não posso aceitar a interferência que um patrocinador faria. Há um caso de uma revista de quadrinhos feita em Porto Alegre com patrocínio da Prefeitura. Era uma revista adulta que trazia material “impróprio”. Houve grande repercussão negativa pelo “fato” do dinheiro do contribuinte ser gasta com aquele “lixo”. Recentemente houve algo parecido com livros de quadrinhos comprados pelo governo para distribuição em bibliotecas das escolas. Pelo menos um dos livros era desaconselhável a alunos menores de idade. Resumindo, o patrocínio tem, para mim, uma quantidade suficientemente grande de desvantagens para que eu o procure.



O ACHAMENTO DO BRASIL

Edgard Guimarães

A publicação de HQs no Brasil, apesar de tudo, é muito rica e sempre se encontram exemplos admiráveis. Esta coluna fará o registro de algumas dessas edições inusitadas, quase sempre de circulação restrita.

O final dos anos 1900 viu uma série de comemorações de 500 anos de vários eventos relacionados aos grandes descobrimentos. Para nós, brasileiros, a comemoração de maior vulto ocorreu no ano 2000, com os 500 anos do Descobrimento do Brasil, ocorrido em 21 de abril de 1500. Essas comemorações ocorreram de várias formas, incluindo a construção de réplicas das caravelas descobridoras que, ao contrário daquelas, não conseguiram navegar.

Para nossos propósitos, interessam as iniciativas de publicar edições de Histórias em Quadrinhos relacionadas aos Descobrimientos. Houve várias, de vários tipos, mas uma me chamou a atenção.

Em 1999, a Editus – Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz e a Empresa Gráfica da Bahia, com apoio do Governo da Bahia, publicaram o álbum “O Achamento do Brasil – A Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel”, com roteiro do historiador Henrique Campos Simões e arte de Reinaldo Rocha Gonzaga. Um álbum colorido, capa mole, lombada canoa, papel de qualidade, muito bem impresso e quase sem divulgação, do qual só tomei conhecimento da existência recentemente.

A edição é centrada em cima da Carta escrita por Pero Vaz de Caminha, que é o primeiro documento escrito produzido em terras brasileiras. A primeira metade do álbum é uma HQ feita a partir das informações contidas na Carta de Caminha, obviamente baseada em outras referências iconográficas. A segunda metade do álbum traz o texto integral da própria Carta, acompanhado de comentários explicativos.

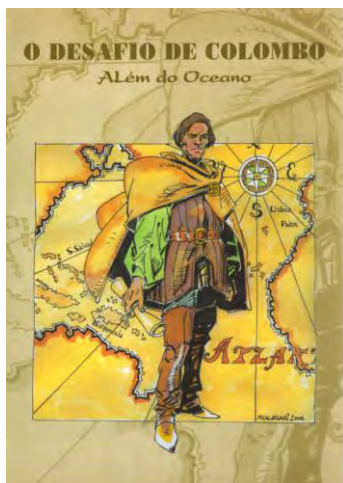
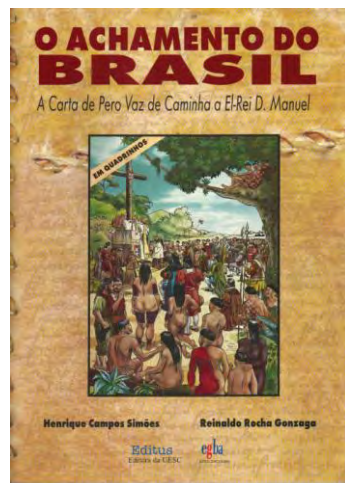
A quadrinização é muito bem feita, com desenhos bonitos, um colorido rico e traz informações que, para mim, soaram como novidade. Uma delas é o papel reservado aos degredados trazidos na esquadra de Cabral. Quando estudei História do Brasil, no ginásio e no colégio, esses degredados não mereceram mais do que uma nota depreciativa. Em “O Achamento do Brasil”, os degredados são, sem dúvida, pessoas condenadas por crimes, não sei dizer de que tipo, que resultaram na expulsão de Portugal. Não são, no entanto, pessoas inúteis como essa bandidada brasileira que se vê nos noticiários, cuja reclusão em penitenciárias é um prêmio que não merecem. Aos degredados da esquadra de Cabral cabiam funções de grande importância. Uma delas foi a de permanecer no Brasil, entre as comunidades indígenas, aprendendo línguas e costumes para facilitar os futuros comércios quando esta ou outras esquadras retornassem ao Brasil. Função que tomaram para si de boa vontade, cientes de sua importância. Outra raça de condenados, esta,

“O Achamento do Brasil”, um belo álbum de quadrinhos que compensa procurar nos sítios de vendas.

Outro álbum de excelente qualidade é “O Desafio de Colombo – Além do Oceano”. Este não é uma produção brasileira, mas aproveitou para mencioná-lo pela semelhança do tema com “O Achamento do Brasil” e pela igual qualidade da publicação. A edição original é italiana, produzida pela Fondazione Casa America em 2006, em comemoração aos 500 anos da morte de Cristóvão Colombo. A versão brasileira foi publicada pelo ICIB – Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro em 2008.

O álbum “O Desafio de Colombo”, com capa mole, lombada quadrada, todo colorido, traz vários textos de apresentação, mas sua parte central é a HQ produzida com roteiro de Mauro Basari e desenhos de Renzo Calegari, este conhecido dos fãs de Ken Parker.

A parte que achei mais interessante neste trabalho foi, mesmo correndo o risco de parecer monótono, a insistência em mostrar as várias tentativas frustradas de Colombo, durante mais de uma década, para conseguir financiar sua expedição. Além disso, durante a viagem, a preocupação em não ser passado para trás pelos sócios. Cabral estava mais bem servido com seus degredados do que Colombo com seus comandantes. Também por isso, um belo álbum.



29º ANGELO AGOSTINI

Edgard Guimarães

O evento comemorativo do Dia do Quadrinho Nacional, com a entrega do Prêmio ANGELO AGOSTINI, ocorreu no dia 2 de fevereiro de 2013, no Memorial da América Latina, em São Paulo. Deveria ser no Anexo dos Congressistas, mas, na última semana, foi mudado para o auditório da Biblioteca. Sem maiores problemas.

Como sempre, chegando antes da hora, pude, com calma, apreciar a exposição com originais de vários artistas que trabalharam com Os Trapalhões produzidos pelo Estúdio de Ely Barbosa para a Editora Bloch. E conversar com um dos autores presentes, Eduardo Vetillo, que gentilmente fez uma caricatura minha.



O encontro com vários conhecidos e as conversas acabaram me fazendo perder a abertura da cerimônia pelos responsáveis pelo Memorial. As 14h30 começou uma mesa redonda sobre o Estúdio Ely Barbosa e sua produção de revistas dos Trapalhões para a editora Bloch. Participaram da mesa Bira Dantas, Eduardo Vetillo, Aparecido Norberto e Alexandre Silva, todos ex-funcionários do Estúdio. Durante uma hora e meia, muita informação foi levantada sobre essa importante fase de produção de quadrinhos brasileiros.

Fernando dos Santos assumiu a condução da cerimônia, começando com uma homenagem a quadrinhistas falecidos durante 2012: Gutemberg Monteiro, Millôr Fernandes, Edmundo Rodrigues, Al Rio e Patrícia Zacarias.

Worney foi chamado para falar sobre as atividades da AQC, em especial sobre as publicações "Picles" e "100 Vezes AQC". A "Picles" está com seu terceiro número sendo organizado, este dedicado à condição atual das mulheres.

Bira Dantas continuou, falando das novidades: o lançamento do primeiro volume da "História da Caricatura Brasileira"; o fechamento da Livraria HQ Mix; o fim do selo Barba Negra e do 4º Mundo. Bira também leu um comunicado de Jota Silvestre enumerando os 10 principais acontecimentos de 2012 na área da HQ.

Gazy Andraus falou um pouco sobre a proposta de um Dia do Fanzine Brasileiro, cuja comemoração seria dia 12 de outubro.

Franco de Rosa assume o comando para anunciar os vencedores do Prêmio Angelo Agostini.

Gonçalo Júnior é chamado para entregar o Troféu Jayme Cortez para Fabrício e a Fundação Cultural de Curitiba pela realização do Gibicon Curitiba.

Alexandre Silva entrega o troféu de 'Melhor Desenhista' para Sidney Gusman, representando Danilo Beyruth.

Na categoria 'Melhor Roteirista', Petra Leão, roteirista dos estúdios de Maurício de Sousa e uma das responsáveis pela 'Turma da Mônica Jovem', recebe o troféu de Marcatti.

Fernando Santos entrega o troféu de 'Melhor Cartunista' para Jean Galvão, colaborador da revista "Recreio".

Na categoria 'Melhor Lançamento', o vencedor foi o álbum "Astronauta - Magnetar", editado pela Panini, e o troféu foi entregue por Primaggio Mantovi a Sidney Gusman, representando o autor Danilo Beyruth.

Na categoria 'Melhor Lançamento Independente', Edson Pericer entrega o troféu aos criadores de "Last RPG Fantasy".

Edgard Guimarães é chamado para entregar o troféu de 'Melhor Fanzine' a Denilson Rosa dos Reis e Alex Doeppe, dois dos editores de "Quadrante Sul".

Na categoria 'Mestres do Quadrinho Nacional', os homenageados foram: Marcos Maldonado, que recebeu o troféu das mãos de Aparecido Norberto; Jô Fevereiro, que recebeu o troféu de Bira Dantas; Júlio Emilio Braz, representado por Eduardo Vetillo, que recebeu o troféu de Franco da Rosa.

Para finalizar, Jal é chamado para entregar um troféu especial chamado 'O Tio' para Worney. Tratou-se de uma placa com uma caricatura de Worney carregando o Angelo Agostini.

O encerramento do evento se deu com as palavras finais de Fernando Santos e de Laís, representando o Memorial da América Latina.

O espaço da Biblioteca do Memorial continuou à disposição dos presentes para conversas, trocas de contato e compra de publicações nos estandes montados pela livraria Comix.

Além dos mencionados, estiveram presentes no evento: Marcos Venceslau, Antônio Luiz Cagnin, Paulo Anjos, Cássio Aquino, Klink, Walter Vetillo, Gilmar, Luigi Rocco, Deddy Edson, Joás, Júlio Magalhães, Kendi Sakamoto, entre tantos outros.

O Memorial, apesar de projetado pelo Oscar Niemeyer, foi um bom local para a realização do evento, embora não tenha comparecido muita gente sempre presente nos Angelo Agostini anteriores.



MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

Edgard Guimarães

Volta e meia os colecionadores, de gibis em particular, são assombrados pela notícia de que existe uma revista tal que saiu em circunstâncias tais e que só quem tem um exemplar é o Fulano de Tal. Maldição! O colecionador comum, o pobre coitado que tenta formar suas coleções comprando suas revistas dia-a-dia nas bancas e livrarias, que sustenta com sua constância todas as editoras do porvir e do já-vai-tarde, não merece isso. Nesta seção serão tratadas estas revistas que podem ou não realmente existir.

A editora Abril sempre se caracterizou pelo profissionalismo no que diz respeito ao seu cronograma de publicações. Dificilmente alguma edição anunciada por ela deixou de ser publicada, ou, ao menos, sofreu algum atraso considerável. Restringindo à fase Marvel/DC e assemelhados, vou mencionar algumas edições anunciadas pela Abril e que, com quase certeza, não foram publicadas.

Além das revistas mensais dos heróis, é sempre bom lançar alguns Especiais, para ganhar mais uns trocados. Uma boa estratégia é o lançamento dos tais Anuais. O Homem-Aranha ganhou seu primeiro em 1992 e saíram mais 7 até 1998, embora seja meio difícil de explicar como pode haver oito anuais em sete anos. X-Men teve dois anuais a partir de 1994 e Hulk, um anual em 1994. Em 1996, a Abril resolveu substituir os Anuais pelos “O Melhor de”. Talvez justamente para poder lançar vários por ano. O Homem-Aranha, mesmo continuando com os Anuais, ganhou 4 “O Melhor de” até 1998. Em 1997, X-Men ganhou 2 e Wolverine ganhou 1. Hulk estava na lista para receber seu “O Melhor de”.

❑ O MELHOR DE HULK # 01

A separação de Hulk e Bruce Banner! A criação dos Caça-Hulk! A volta de Rick Jones! O casamento de Banner e Betty Ross! Grandes momentos do passado do Hulk. Por John Byrne! Edição com 164 páginas.

Os Checklists de junho publicados nas revistas “Shazam” 8, “Batman – Vigilantes de Gotham” 8, “Wolverine” 64, “Homem-Aranha” 168 e “A Teia do Aranha” 92, todas de junho de 1997, anunciaram a publicação de “O Melhor de Hulk” 1, como se vê logo acima. Tenho lembrança de que saiu também anúncio de página inteira deste “O Melhor de Hulk” em alguma revista, mas procurei e não achei. Não imagino nenhuma razão para esta falha na programação. A revista mensal do Hulk tinha sido cancelada no número 165 em março de 1997. Será que isso influenciou na não publicação de “O Melhor de Hulk”?

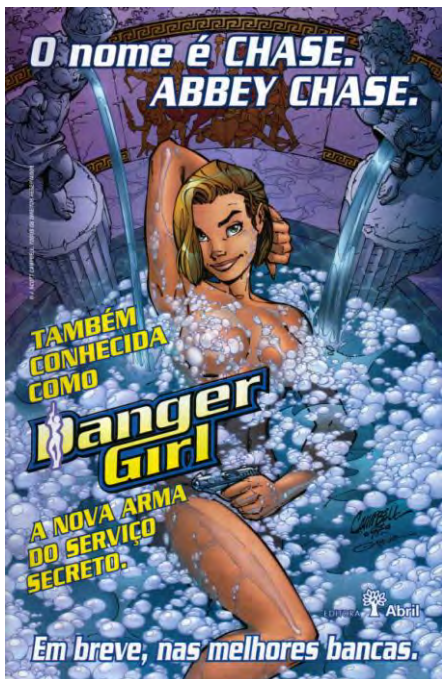
Mais próximo ao fim da era dos heróis na Abril, em novembro de 2000, as revistas “Spawn” 88, “Batman Premium” 4 e “X-Men Premium” 5 trouxeram anúncio de página inteira sobre a revista (ou minissérie, o anúncio não especifica) “Danger Girl”. Não tenho notícia de que tenha sido publicada. Posteriormente, em 2006, a Devir publicou uma minissérie em duas edições com a personagem. A Panini também publicou a personagem num crossover com Batman.

Se a memória não está me traindo, lembro com alguma riqueza de detalhes, que, por volta de 1999/2000, a Abril fez um belo anúncio colorido divulgando uma boa quantidade de álbuns e minisséries. Alguns saíram, mas vários não. Só que procurei exaustivamente em minha coleção e não consegui achar este anúncio já não tão vivo em minha memória.

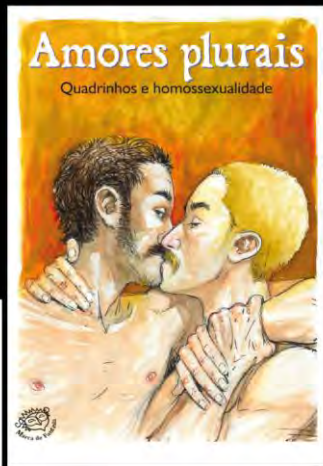
Do que não saiu, lembro apenas dos títulos “Liberdade – Um Sonho Americano” e “Martha Washington Vai à Guerra”. Segundo minhas lembranças, há mais alguns títulos anunciados e não publicados, pelo que consta.

Estes dois títulos foram, em 2006, publicados pela editora Mythos com os nomes “Liberdade a Qualquer Custo” e “Martha Washington Vai à Guerra”.

Os leitores que tiverem essas coleções da Abril e compartilharem de memórias de edições anunciadas e não publicadas, e, ainda, tiverem a paciência de Jó de procurar em cada revista... caso achem exemplo não mencionado aqui (ou os que mencionei e não pude provar), enviem-me as imagens encontradas e eu faço um texto complementar no próximo número.



HOMOSSEXUALIDADE E TERROR EM QUADRINHOS



AMORES PLURAIS: QUADRINHOS E HOMOSSEXUALIDADE

Vários autores

Henrique Magalhães (org.)
92p. 14x20cm. R\$14,00.

Diversas expressões gráficas e
temáticas sobre a
homossexualidade.

MEDO!

Alberto Pessoa

56p. 14x20cm. R\$10,00.

Quadrinhos inspirados e em
homenagem a Flavio Colin.



editora@marcadefantasia.com

www.marcadefantasia.com

SAIU O “ALMANAQUE ROCKY LANE”

Saiu um volume muito especial para quem é fã de faroeste e de um dos grandes personagens do gênero. Trata-se do “Almanaque Rocky Lane” produzido por Primaggio Mantovi em parceria com o Cluq de Wagner Augusto.

Quadrinhista, roteirista, editor e Mestre do Quadrinho Nacional, o italiano Primaggio veio para o Brasil no início da década de 1960, e, em 1964, dava seus primeiros passos na carreira na Rio Gráfica e Editora, no Rio de Janeiro. Fã de Rocky Lane desde os tempos de garoto, ele, coincidentemente, iria roteirizar e desenhar aventuras do personagem.

O “Almanaque Rocky Lane” apresenta um grande painel da carreira de Primaggio e de sua paixão pelo personagem. O volume tem mais de 50 fotos e ilustrações, curiosidades e uma HQ: ‘O Vaqueiro e o Garanhão’, produzida por Primaggio e publicada originalmente no nº 168, de setembro de 1966, da revista do herói. A aventura conta a origem de Rocky Lane e de seu fiel cavalo, Black Jack (que no Brasil se chamava Tufão). O volume apresenta ainda um pôster central e todas as capas da coleção da revista da RGE. Além da biografia completa e bem ilustrada do ator Allan Lane, que interpretava o herói nas telas de cinema.

Com uma pequena tiragem, o “Almanaque Rocky Lane” custa R\$ 30,00 e pode ser encontrado pela página eletrônica da Comix Book Shop: www.comix.com.br.

Worney Almeida de Souza





Tiras de Luiz Cláudio Lopes Faria



Tira de Beto Martins

O ÚLTIMO GESTO

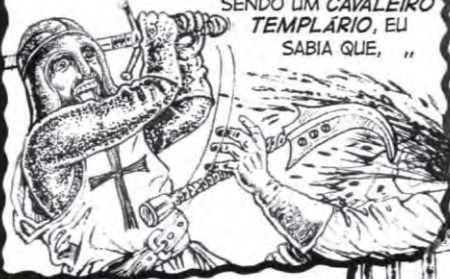
TEXTO E DESENHOS
Elmano Silva

= COLINA DE HATTIN =
JULHO DE 1187

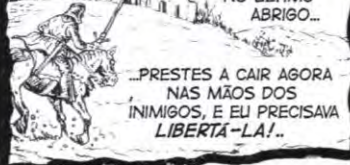


...MORRENDO EM BATALHA, TERIA A SALVAÇÃO E PERDÃO DOS MEUS PECADOS...CONTUDO, EM NÚMERO INFERIOR, PERDEMOS A SANGRENTO BATALHA PARA O GRANDE LIDER MUÇULMANO SALADINO...

SENDO UM CAVALHEIRO
TEMPLÁRIO, EU
SABIA QUE, "



...A NOSSA BANDEIRA NEGRA NÃO ESTAVA MAIS ARRIADA, E A MINHA ÚNICA RAZÃO DE VIVER, ESTAVA NO ÚLTIMO ABRIGO...



...PRESTES A CAIR AGORA NAS MÃOS DOS INIMIGOS, E EU PRECISAVA LIBERTÁ-LA!..

BORIS!



...ERA O QUE RESTAVA DE LIMA BELA MULHER, E NÃO IRIA SERVIR DE PASTO, PARA A LASCÍVIA E CRUELDADE DOS INIMIGOS!

NICOLE!

...MAS FOI A ÚNICA SAÍDA QUE ME PERMITIU FLUIR COM A MINHA AMADA, PARA LONGE DAQUELE INFERNO!..



PORÉM, NEM O AÇO FORJADO DE MINHA ESPADA, CONSEGUIRIA CORTAR OS MALDITOS ELOS DAS CORRENTES QUE A MANTINHAM PRISIONEIRA...



A INFINITA DOR, PARA DOIS SERES QUE SE AMAM, TERIA DE SER IGNORADA NAQUELA HORA...

NÃO!



FIM

FÓRUM

SÉRGIO LUIZ FRANQUE

R. Cesar Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540

Recebi o “QI” 119, que está maravilhoso a começar pela capa: que dramaticidade... O pequeno herói nas sombras, armado até os dentes, na expectativa do grande inimigo. E ele aparece vindo não sei de onde, em primeiro plano... uma baratinha.

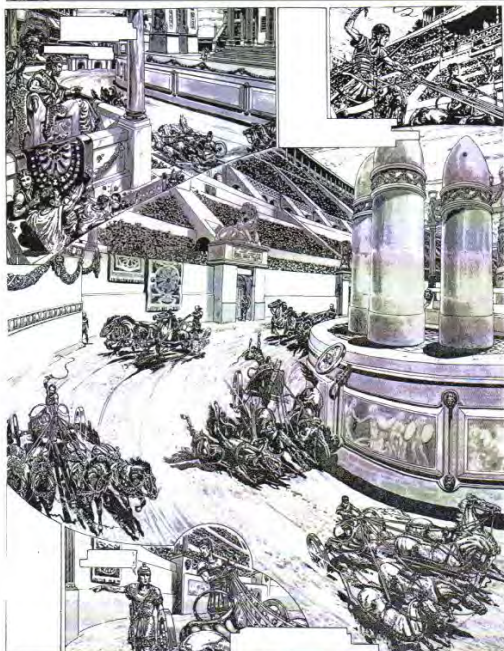
Gostei muito do ‘Reflexões sobre Histórias em Quadrinhos’, você está de parabéns pelo que foi dito neste artigo. E mostra o quanto você é “professor” neste universo magnífico. Você tem um domínio técnico de tudo que relaciona com impressão gráfica, que chega a impressionar seus leitores.

JOSÉ AUGUSTO PIRES

R. Dr. Carlos Mascarenhas, 107, 4º Esq - Lisboa - 1070-082 - Portugal

Temos a série ‘Orphans of the Sea’, um clássico inglês de Walter Booth dos anos 1940. São seis volumes de 100 páginas. Já apareceram os dois primeiros. Temos (igualmente de Walter Booth) a mundialmente célebre série do ‘Rob the Rover’ – a saga do submarplano – em 5 volumes, e a série ‘Captain Moonlight’, em 5 volumes, cuidadosamente reproduzidos a partir da revista original britânica, “Puck”. Todas essas séries são verdadeiras raridades da BD, impossíveis de encontrar, mesmo em Inglaterra. Walter Booth foi, para mim (e não só), o maior autor de BD que alguma vez existiu. O Jorge Magalhães é também dessa mesma opinião. Há também um outro autor britânico, muito apreciado, chamado Reg Perrott, envio uma página para você ver.

A Estrada para Roma



ANTONIO PEREIRA MELLO

R. Oscar Henrique Zappe, 212 – Santa Maria – RS – 97045-350

Eu estava no sítio de minha sogra quando o meu irmão me levou o “QI” 119, foi muito agradável lê-lo sorvendo o meu chimarrão. Como sempre, gostei de tudo! Desta edição, destaco a matéria ‘O Desenho Inferior das Histórias em Quadrinhos’. Gostei também do ‘Tirando o Chapéu – Rip Kirby’, até o meu enteado que não se liga em HQs, gostou e disse que gostaria de ler uma revista do personagem. Eu expliquei que li muitas, mas o nome era Nick Holmes. Estou enviando o “Letras Santiaguenses”, eu e meu irmão “fomos capa”. Envio reportagens sobre os Abas Largas, filme e depois HQs publicadas pela Cooperativa Editora de Trabalhos de Porto Alegre. Se quiser escrever algo sobre o assunto, fique à vontade.

O jornal “Letras Santiaguenses” nº 103, de janeiro/fevereiro de 2013, trouxe na capa matéria sobre os irmãos poetas, Antonio Pereira Mello e Paulo Pereira Mello, além de seus poemas no interior da edição. Infelizmente, eu não tenho muita informação sobre a CETPA, somente o que saiu no livro do Diamantino e em “O Grupo Juvenil” do Barwinkel. Com o Barwinkel consegui alguns fac-símiles e originais das revistas publicadas. Tenho os 3 números de “Aba Larga” e o número único de “Sepé”. Das tiras, conheço somente as amostras publicadas pelo Barwinkel. De qualquer forma, no próximo número haverá um texto sobre Sepé Tiaraju e tratarei da revista publicada pela CETPA.

EDUARDO WAACK

R. Francisco José Ribeiro, 195 – Matão – SP – 15990-776

Agradeço sua constante atenção e gentileza ao me enviar o precioso “QI”. Seus textos e histórias me fazem realmente viajar pelos mundos maravilhosos da criação, onde cada leitor é seu parceiro ao aceitar ser conduzido, e envolvido, nessa onírica aventura.

JOSÉ SALLES

C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970

Tenho aqui três envelopes seus. O segundo envelope contém o “QI” 119, polpudo e cheio de novidades, ainda não comecei a ler, mas pela folheada vi que muita coisa boa me espera, especialmente aquele encarte sobre ‘O Desenho Inferior das HQs’, assim que tiver lido tudo postarei comentário lá no blog da Júpiter 2. Na terceira carta, veio a grana para o “Raio Negro” nº 15. Confesso que não sabia que a coleção da GEP foi até o nº 15. Não sei por quê, nos meus botões eu pensava serem 22 edições. Mas tanto você como o Márcio Baraldi (que me mandou uma HQ do Raio Negro publicada numa das edições dos X-Men da GEP) confirmaram as 15 edições. Que Deus me dê forças e recursos para continuar editando o Raio Negro.

MATHEUS SOUZA

C.P. 011 – Americana – SP – 13465-970

Espero que aproveite a trilha sonora de um dos meus curtas (“Hipsteria”). Caso queira comprar o filme mais conteúdos extras, tem material disponível na Bodega do Leo. Mas também tem conteúdos no blog bokkakefilmes.blogspot.com.

KENZO FUJIMOTO

C.P. 339 – Campo Grande – MS – 79002-970

A comentar este último número de 2012, começo pela capa, desenhada pelo Lancelott, que dá aquele ar de nostalgia, seja pelo motivo escolhido, seja pelo seu traço característico. Todas as seções estão, como sempre, excelentes. Achei muito interessante a sua matéria ‘Metástese’, também já aconteceu comigo o que se deu com você, quando ficou por muitos anos lendo de forma errada o nome de um personagem. E olhe que já li errado o título de seu artigo. Ainda bem que notei a tempo de corrigir (é ‘Metátese’).

GAZY ANDRAUS

R. Jacob Emerick, 458/805 – Centro – São Vicente – SP – 11310-070

Achei excelentes vários detalhes nessa edição. O ‘Tirando o Chapéu’ com Rip Kirby me fez pensar nas HQs que eu cultuei, quando, pra mim, os super-heróis tinham roteiros algumas vezes que causavam impacto. Não pelas mesmas razões que você colocou naquele caso de Raymond, mas de maneira similar por outros detalhes. E não só HQ de super-heróis, mas Moebius com o álbum ‘O Homem é Bom’ me deixou atônito face a um jeito diferente (e europeu) de se contar e narrar HQ diferente do padrão norte-americano. Aquilo muito me marcou à época, tendo-me influenciado, obviamente, em meu estilo de HQ poético-fantástico-filosófica. ‘Quadrinhos Brasileiros Bisssexto’ e ‘Construções de Armar’ me lembraram de época que eu colecionava álbuns e HQ e de um texto meu que fiz e seria publicado na internet no site do IBAC – Instituto Brasileiro de Arte e Cultura, em que eu tinha uma coluna. Mas acho que o IBAC deu uma parada, porque faz tempo que não atualizam. É um artigo que tem a ver com colecionismo e mando em anexo. Se achar interessante, pode publicar num número futuro do “QI”. O ‘Mantendo Contato’ do Worney fala da revista de HQ pra pescadores e coincidentemente vi essa revista ano passado e até me espantei com ela. Achei interessante existir uma revista de pesca em HQ. Com relação aos Strunfs, outra coincidência: um tempo atrás fui ler os números que tenho da Vecchi para minha sobrinha e pensei nos Strunfs “pretos”. Refleti justamente nisso, que se Peyo os tivesse elaborado na atual conjuntura, não os teria colocado negros para não dar margem à questão do politicamente incorreto e para que não fosse atacado como “racista”. Mas daí você revelou que os estão colorindo de púrpura. Agora, deixei para comentar suas ‘Reflexões sobre Histórias em Quadrinhos’ pro fim, porque, a meu ver, é um dos mais importantes artigos que já li acerca do desenho nas HQs! Você conseguiu resumir muitas informações importantes e pertinentes, com histórico das várias tecnologias que ajudaram o desenvolvimento da impressão gráfica explicando-nos como funcionam os maquinários, as impressões desde os mais remotos tempos até as máquinas gráficas atuais e as dificuldades de os desenhos em p&b com cinzas e depois os de cores serem impressas, antigamente e tudo o mais. Afora a questão dos desenhos serem mais simplificados devido à contingência tecnológica (e, claro, ao tempo reduzido para entrega das HQs prontas). Reitero que é um texto meticuloso e muito importante de ser lido. Te aconselho, inclusive a inscrever esse trabalho num evento acadêmico, que poderia ser esse próximo que vai ocorrer na USP.

MARCOS FABIANO LOPES

Av. Suarão, 2181 – J. Suarão – Itanhaém – SP – 11740-000

Ficou bacana a ilustra do Homem Justo com o seu texto. Obrigação! No geral, o “QI” continua com boas informações com destaque para as seções ‘Fórum’, ‘Mantendo Contato’ e ‘Edições Independentes’. Tenho uma nova sugestão de ilustra de Super-Heróis Brasileiros, o Fantasma Negro (1976) do Tony Fernandes.

ARLINDO NÓBREGA

R. Rego Barros, 316 – São Paulo – SP – 03460-000

Como fundador e presidente da Federação Brasileira de Alternativos Culturais – FEBAC, comunico que a linda revista “QI”, muito bem elaborada pelo companheiro de luta, foi incluída no rol de nossos filiados. Nada em troca, só eventual divulgação da entidade nas folhas editadas por você. Tudo bem? Brevemente matéria a respeito.

EDUARDO VETILLO

Al. Grajaú, 158/1710 – Alphaville – Barueri – SP – 06454-050

Grato pelas informações, realmente eu desenhei até o número 32 (de “Spectreman”), mas infelizmente a Bloch não publicou os dois últimos números, sendo que o 32 continha uma das melhores histórias da série. Foi um prazer reencontrá-lo no Angelo Agostini.

DENILSON ROSA DOS REIS

R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380

Você continua inventando e se reinventando, grande amigo. Além de manter mais um ano de publicação, a cada mês temos uma nova surpresa junto ao “QI”, como o excelente ‘Reflexões sobre Histórias em Quadrinhos’. Parabéns! Outra bela novidade é “Memória do Fanzine Brasileiro”, que ótima iniciativa.

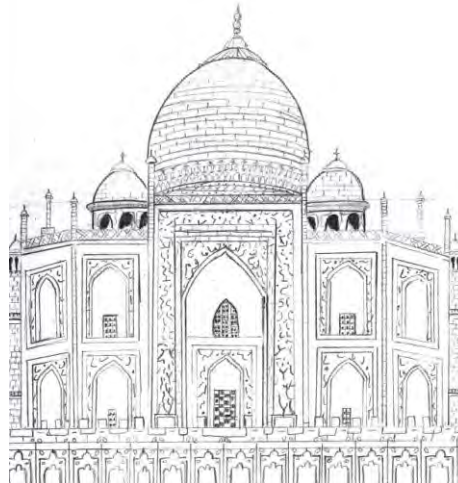
ANTONIO ARMANDO AMARO

R. Haia, 185 – V. Rui Barbosa – São Paulo – SP – 03734-130

Recebido e degustado o “QI” 119. Para variar, gostei de quase tudo neste número, a começar com o “heróico guerreiro” armado até os dentes pronto para abater a “terrível fera”. Parabéns pela criatividade, adorei. Parabéns também pelos artigos a respeito do Renato Silva – um dos grandes desenhistas brasileiros – e ‘Tirando o Chapéu – Rip Kirby’. Agora, a tua obra-prima deste número é ‘Reflexões sobre Histórias em Quadrinhos – O Desenho Inferior das Histórias em Quadrinhos’. Que aula você nos dá, como escreve bem esse tal de Edgard Guimarães. É uma das melhores coisas que li na imprensa brasileira, sem querer puxar o teu saco, podes crer! Parabéns mesmo! Agradeço também por mais 2 capítulos do ‘cotidiano alterado’ e ‘A Batalha’ – que vou montar. Também muito bons os artigos do António Martinó de Azevedo Coutinho – ‘Construções de Armar’ – e, como sempre, não pode faltar o Worney. Já ia esquecendo de falar das capas terceira e quarta. Eu sempre digo que o artista já nasce feito, e isso é confirmado na tua arte com apenas 14 anos, você já nos dá uma amostra do que você seria no futuro, o Amadeu e o Afonso foram o início de tudo, não é? Com ‘Afonso e Abelardo’, você já é um artista maduro.

Mudando de assunto, a mestra Alda Cabral me enviou o livro de poesias para eu te entregar e agradecer pelos poemas dela que você publicou. Ela mandou dois, um eu já entreguei ao mestre Rodolfo Zalla. No dia 29 de dezembro, fui fazer uma visita ao mestre, onde ele me mostrou os trabalhos que ainda faz, rapaz, o homem já passou dos 80 anos de idade, mas está com a cabeça de um jovem, fui lhe fazer uma visita rápida e no fim ficamos no bate-papo mais de 4 horas. Ele é muito gentil e tem um talento e cultura fantásticos. E, olhe, para terminar, me deu de presente os 4 últimos álbuns de “Calafrio”, com belos trabalhos, principalmente dele, é pena que a revista tenha uma tiragem tão pequena e não seja vendida nas bancas de jornais, e agora só sai de 4 em 4 meses, e é feita para um público de apenas 300 leitores, é uma pena pois ainda é uma das poucas revistas que eu coleciono, além das revistas da Júpiter 2 do professor José Salles.

Estou te mandando novo desenho do meu filho Guilherme, ele te manda um abraço e agradece a publicação dos desenhos dele.



Desenho de Guilherme Amaro.

Capa do livro de Alda Cabral e um de seus poemas.



SALVE O ZORRO

Alda Cabral

O Zorro de capa negra a esvoaçar
Com máscara a cobrir-lhe o rosto
No seu cavalo Alazão
Foi o meu herói de infância
O mito maior dos meus sonhos
Que então me fazia lembrar
Um Deus do Olimpo a sangrar
Fazendo justiça aos oprimidos
Comprava todos "os Gibis"
Relia suas façanhas dantescas
Que delícia ver no ecrã
O lendário Zorro
O duende todo de negro
No seu cavalo Alazão
Com todas as suas celemas
Coroadas sempre de vitórias
Em todos aqueles círculos
Nunca o Zorro faltava
A desmascarar o vilão
E lá vinha de capa a esvoaçar
Por caminhos desconhecidos
Mui nobre e destemido
Era o Zorro: o meu druído
Uns diziam que era feio de matar
Outros criam-no um Apolo escondido
Para mim e companhia
Zorro era o herói nunca vencido
Dos nossos sonhos o preferido
Ao longo de nossas vidas
O melhor amigo
Dono de nosso encantamento
Quem me dera outra vez
Voltar aos tempos antigos
Daquelles sonhos efêmeros
E gloriosos ao mesmo tempo!

CARLOS GONÇALVES

R. Tomás da Anunciação, 171, 3º Dto. Lisboa – 1350-326 - Portugal

Não sei se sabe, mas dois jornais portugueses, "O Século" e "O Primeiro de Janeiro", publicaram durante a sua longa vida (já acabaram os dois infelizmente, mas é a eles que muito deve a Banda Desenhada), uma série de histórias de uma longa tira ao alto em formato grande (tabloide, na altura de todo o jornal), com 5 vinhetas normalmente. Havia histórias de continuação e outras autoconclusivas, de uma só tira. As de Renato Silva eram de uma só tira e foram publicadas no jornal "O Primeiro de Janeiro". Normalmente estas histórias da autoria de desenhadores franceses já

tinham sido publicadas nos jornais em França e, posteriormente, enviadas para Portugal. Não tenho a confirmação, mas consultando as minhas enciclopédias, Renato Silva não as publicou em França, pois não há registro delas, pelo que penso que tenham sido criadas especialmente para esse jornal. Sobre o Renato Silva, desenhador brasileiro que muito admiro (eu tenho os dois volumes da "A Garra Cinzenta") e possuo uma série de livros sobre ele. Curiosamente não tenho "A Arte de Desenhar Histórias em Quadrinhos", mas tenho "Desenho Artístico ao Seu Alcance". O título de cada história (publicada em "O Primeiro de Janeiro"), encontrava-se subordinado ao tema 'Documentário da História e da Ciência'. Depois teriam os seus próprios títulos, de acordo com o tema versado e que passarei a indicar, assim como a data em que cada tira seria apresentada no respectivo jornal. Os textos eram de Sérgio Macedo. 'Assim Nasceu o Papel' de 14/8/1953, 'Bigas, Trigas e Quadrigas' de 20/11/1953, 'Leques' de 8/1/1954, 'Agridina, Mãe de Nero' de 5/2/1954, 'A Morte de César' de 12/3/1954 e 'Li Po. o Enamorado da Lua' de 26/3/1954. Ainda um pouco antes e nos n.ºs 868 a 879 (24/10/1951 a 1/12/1951) do jornal infantil português "Diabrete", seriam igualmente publicadas 11 histórias (o n.º 874 não publicou), com o título de 'Histórias da História do Mundo'. A apresentação é igual, 5 vinhetas de cada vez, embora de menor formato, já que a revista só tinha dimensões de uma folha A4. Os temas foram variados, como indico: os Vikings, a Grécia, Roma, Napoleão, Índia, Átila, Navegador Balboa, os Cristãos na Roma Antiga, Vasco da Gama, os Castelos e Francis Drake.

Foi excelente lembrar Renato Silva, pois há muito que se encontrava esquecido e não o merece. 'A Garra Cinzenta' foi uma obra que despertou o meu interesse quando a li. Era um trabalho cheio de emoção, aventura e muita ficção. Infelizmente, embora não lhe tenha diminuído as suas qualidades como uma obra de fôlego (não é fácil criar 100 páginas, onde imperava uma contínua luta do Bem contra o Mal, excepcionalmente bem desenhadas), o seu autor resolveria de um momento para o outro, acabar com ela repentinamente nas últimas páginas, notando-se um esforço fora de vulgar para o fazer. Esta obra seria publicada por mim através de dois boletins do CPBD, os n.ºs 93 e 94, datados de janeiro e março de 2001. Aproveite para lhe remeter o meu editorial de um desses números, só para seu conhecimento, pois não sei como funciona a lei brasileira em relação aos direitos, ainda que esta edição não tivesse quaisquer interesses monetários, pois era oferecida. Em Portugal, ao fim de 50 anos de publicação de uma obra (ela foi publicada em 1937/1939), os seus direitos caducam. Esses dois boletins deram-me um trabalho enorme, pois tive que eliminar os cinzentos e cobrir a tinta-da-china os defeitos de impressão da obra original, para que essa tivesse uma melhor apresentação. Ainda hoje, 'A Garra Cinzenta' é uma bela obra a divulgar. Não sabia que a Conrad a tinha editado.

Reparei numa das cartas que o Jorge Magalhães lhe escreveu... se quiser ter acesso ao seu novo blog, pode ser que encontre lá algum assunto que lhe agrade: <http://ogatoalfarrabista.wordpress.com>.

Quanto aos Smurfs (novo nome destas personagens que não gosto... modernices), achei interessante o seu reparo, em relação à história publicada nos Estados Unidos. Já não é a primeira vez e provavelmente haverá algumas histórias que não conhecemos nas suas edições norte-americanas, que personagens europeus são obrigadas a rectificar alguns cenários ou vinhetas, por exigências das editoras. A mais célebre é a da aventura de Tintin em "O Caranguejo das Pinças de Ouro", em que o Capitão Haddock está a ser açoitado por um preto, que terá que ser substituído por um branco na nova edição.

Mas o ponto alto deste último "QI" é, sem dúvida alguma, o folheto intitulado 'Reflexões sobre Histórias em Quadrinhos'. Já tenho lido muitos artigos sobre Banda Desenhada, mas poucos serão como o seu, pois além de inapreciavelmente bem escrito é elucidativo de uma forma eloquente. Não ficam dúvidas ao leitor, mesmo que seja leigo na matéria. Parabéns.

As HQs de Renato Silva que você listou, publicadas em Portugal, são as mesmas publicadas na coleção "Seleções da História do Brasil e do Mundo", da editora Conquista. Só não consegui localizar 'Agridina, Mãe de Nero', talvez publicada com outro nome, ou deixada de fora dos fascículos.

CHAGAS LIMA

R. Miriam Coeli, 1737 – Lagoa Nova – Natal – RN – 59054-440

Muito bom o “QI” 119. É um marco a sua numeração. Cada vez um “QI” mais profundo, mais instigante, mais científico. Realmente maravilhoso. E as séries são sensacionais. Totalmente indispensável.

LUIZ CLÁUDIO LOPES FARIA

C.P. 05 – Taubaté – SP – 12010-970

Gostaria de saber se o fanzine “QI” atinge somente o território nacional, você manda exemplares para outros países? Como faço para adquirir publicações e almanaques do Claudio Rubin (me interessei pelos almanaques da Fawcett)?

Envio o “QI” apenas para algumas pessoas fora do Brasil, normalmente em troca de outras edições, como, por exemplo, o fanzine alemão “Omi”; os custos de correio impedem um maior intercâmbio. Não tenho notícias recentes de Claudio Rubin, acho que não publica mais seus fanzines. Quem sabe, buscando na internet, não se encontre edições dele colocadas à venda?

ALEX ROGÉRIO VERONEZ

R. Dr. Pedro Raimundo, 329 – São Carlos – SP – 13575-470

Primeiramente, quero agradecer a divulgação do meu fanzine “White Wing” no “QI” 119. Novamente uma ótima edição e ainda recheada com os complementos ‘cotidiano alterado’ e ‘Reflexões sobre Histórias em Quadrinhos’.

CESAR MEIRELLES

R. José Bonifácio, 805, fundos – São Leopoldo – RS – 93010-180

Seguem duas edições do fanzine “Demência”, espero que possa divulgar no seu “QI”. Espero que aprecie essas duas edições, apesar de conter material sujo e marginal. Caso tenha interesse em apreciar outros trabalhos, pode acessar: maltracadaslinhas.blogspot.com.

GASPAR ELI SEVERINO

R. João Voss Jr., 66 – Guarani – Brusque – SC – 88350-685

A revista “Sesinho” foi criada em 1947, eu tinha 2 anos de idade. Sempre a li, desde quando iniciei o Primário, que é hoje o ensino Fundamental. Isso foi em 1951. Daí para cá foram períodos alternados. E de 1994 em diante, tive e tenho a oportunidade de ler novamente o “Sesinho”, que é distribuído gratuitamente pelo SESI.

Tomei conhecimento de uma adaptação de ‘O Navio Negroiro’, publicada por Eugenio Colonnese em 1957, mas nunca li essa publicação. Tens conhecimento dela?

Fiquei feliz de ver “100 Vezes AQC”. Notei que entre eles tem um Edmundo Rodrigues, será que tem a ver com o Edmundo Rodrigues, desenhista de ‘Jerônimo, o Herói do Sertão’, que faleceu em 10 de setembro de 2012? Ele iniciou a desenharia ‘Jerônimo’ em 1959, que atingiu grande popularidade, e também desenhou ‘Chico e Chica’ entre 1960 e 1962. Também desenhou ‘Falcão’ e para a revista “O Tico-Tico”. Será que poderia publicar alguma matéria no “QI” sobre Edmundo Rodrigues e, claro, falar no Jerônimo?

A adaptação de ‘O Navio Negroiro’ de Castro Alves feita por Eugenio Colonnese foi publicada no n° 33 de “Album Gigante” (nova fase) da Ebal, em julho de 1957, juntamente com outra adaptação de Castro Alves feita por Gil Coimbra. Esta HQ de Colonnese foi republicada na íntegra (são 16 páginas) no n° 1 de “O Castelo de Recordações – Coleção Romances Ilustrados”, editado por José Magnago em fevereiro de 2001.

O Edmundo Rodrigues presente na lista de “100 Vezes AQC” deve ser o próprio, que chegou a mandar HQ para o livro antes de falecer. Eu já escrevi alguma coisa sobre Edmundo na matéria sobre Juvêncio publicada no “QI” 116 e um dos números recentes da revista “Mundo dos Super-Heróis” fez uma boa matéria sobre ele.

ANDERSON CAMILO DA COSTA

R. Três, 135, próx. escadaria – Ipatinga – MG – 35162-750

Muito obrigado pela última edição do “QI”, e também pelo ‘cotidiano alterado’, é deveras um trabalho bem esmerado e muito criativo. Envio-lhe um poema dum certo tempo atrás – onde era exatamente tudo o que deveria ser.

PRISÃO SENTIMENTAL

Anderson Camilo (1/12/03)

Proteção é só uma
Palavra não dita maldita
Perigo meu caos proibido
Presa fácil p’ro bandido
Portas abertas p’ro abismo
Pernas fechadas p’ra cima...
Perfeito amante até o fim...
Pequena, sou teu melhor inimigo
Pausa berrante no escuro...
Paralelo negro à tua cama
Peito no peito p’ro sussurro
Parapeito escancarado p’ro futuro

Parte tua preferida
Partindo meu egoísmo
Pernas entrelaçadas p’ro
Pulo ainda não pulado
Partes minhas repartindo
Partes tuas, partes nossas

Passo a passo sigo em frente
Pensamentos alinhados com o infinito
Paralelas alvas à tua negra cama...
Peito no peito p’ro sussurro
Parapeito escancarado p’ro futuro

Partes tuas, partes nossas
Pensamentos alinhados com o infinito
Promessas cumpridas por Jesus Cristo...

QUADRINHOS INSTITUCIONAIS

Renato Rosatti enviou a revista em quadrinhos “O Mistério do Manacial”, produzida por Céu D’Ellia para o governo de São Paulo, sobre a represa de Guarapiranga. Gaspar Eli Severino enviou o n° 123 de “Sesinho”, produzida pelo SESI, e a 68ª edição do “Almanaque Sadol”, para 2013. Alex Rogério Veronez enviou a revista em quadrinhos “Missão DS”, sobre Educação Ambiental, produzida pelo SENAI. Anderson Camilo enviou a revista em quadrinhos “Vivendo a Lei das Águas”, produzida pelo Governo do Espírito Santo. Consegui uma edição promocional de “Arte Atroz” da coleção “Saber Horrible” da Melhoramentos, edição gratuita com um resumo do livro original.



MANTENDO CONTATO



ESPAÇO DE PALPITOLOGIA DE WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)

DOCES, BOLACHAS, CHOCOLATES E QUADRINHOS

As indústrias de alimentos têm como público consumidor principal as crianças. Assim, todos os produtos colocados no mercado são coloridos, vistosos, doces e macios, e muito atraivos para vender mais e mais depressa. Outros recursos usados para atingir esse objetivo primordial são as campanhas publicitárias com material de propaganda multicolorido, brinquedos, bonecos, promoções, comerciais de TV e revistas em quadrinhos.

A regra geral é criar personagens infantis relacionados com os produtos e que causem simpatia e similaridade entre os consumidores mirins. As revistas são produzidas como mais um item de publicidade e são criadas por profissionais de agências de publicidade que direcionam as HQs para a venda dos produtos. Isso limita muito as possibilidades de roteiro, tornando até monótona a leitura. Muitas vezes, os personagens são bem construídos visualmente, mas seus argumentos são pobres e limitados a estimular o consumo imediato. As revistas, invariavelmente, não passam do primeiro número.

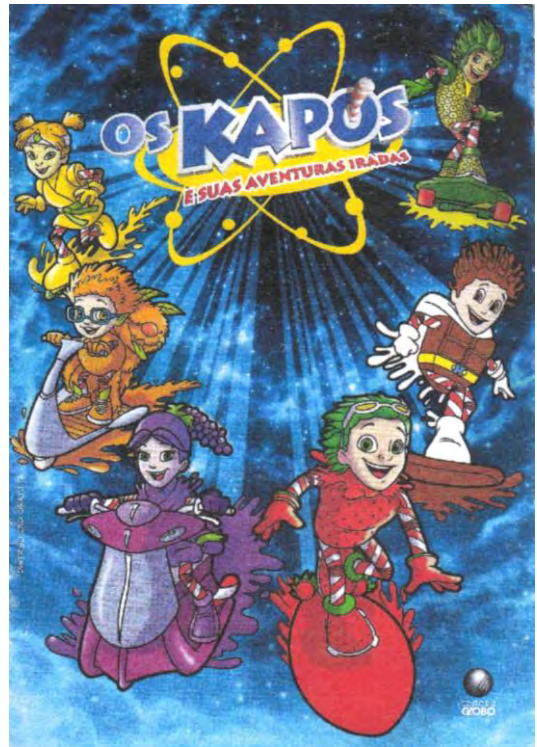
A quantidade de produtos lançados é muito grande. Já a mudança de embalagens e o surgimento de novos sabores para o mesmo alimento são constantes e requerem novas campanhas publicitárias a todo momento. Com isso, os personagens e as revistas são facilmente esquecidos e descartados.

Apresentamos três exemplos de publicações distribuídas gratuitamente e que certamente já foram esquecidos pelos leitores e, muitas vezes, desconhecidos da maioria dos colecionadores.

OS KAPUS E SUAS AVENTURAS IRADAS

Tamanho 13,5x19cm, colorido, 20 páginas, lombada canoa.

Produzida pela editora Globo para a The Coca-Cola Company, a revista vende os sucos de caixinha Kapo com seis sabores diferentes, representados por um personagem, que estão estampados nos produtos.



O roteiro está assinado por Megatério e os desenhos são do estúdio Cor e Imagem. A revista apresenta a HQ 'O Segredo da Diversão', onde os seis personagens-sabores são apresentados: eles são um grupo de amigos que moram no sistema solar Kaposfera e são cada um habitante de um planeta (K1, K2, K3, K4, K5 e K6) que representa um sabor do suco (morango = Kim, uva = Kirina, abacaxi = Kaúri, laranja = Kiké e o cachorro Venká, chocolate = Kako e maracujá = Kemi). Eles se locomovem pelo espaço com aparelhos radicais e modernos como jet-ski, skate, patinetes, patins e pranchas de surf.

Na história, eles recebem o pedido de ajuda de uma turminha de garotos do planeta Terra, que não têm onde se divertir, pois o pátio de brincar está em reforma. Os Kapos resolvem o problema com seus poderes oriundos de seus planetas. A revista tem ainda uma tira, na página do expediente, com os personagens brincando com seus poderes.

TURMA DANIX

Tamanho 13,5x20cm, colorido, 20 páginas, lombada canoa.

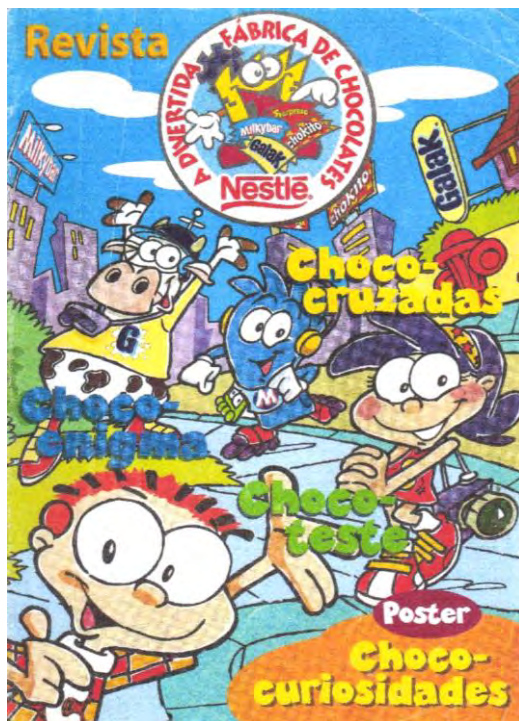
Não existe indicação de roteirista, desenhista ou empresa que produziu a revista. A revista vende as bolachas recheadas Danix em vários sabores e até um novo formato onde os biscoitos se encaixam formando os personagens. A publicação apresenta uma HQ: ‘Amigo Secreto’, onde o menino Dan e seus amigos, Ike, sua irmã Anna e Xip, encontram um ser estranho, azul, rabo comprido e que muda de cor de acordo com o ambiente, muito parecido com um certo personagem europeu de quadrinhos. Eles escolhem o nome para o estranho ser: Nix, que gosta de comer os biscoitos Danix! A revista tem ainda cinco páginas de passatempos e um convite para brincar com os personagens na internet.



REVISTA PASSATEMPO

Tamanho 18x24,5cm, colorido, 20 páginas, lombada canoa.

Produzida pela D&Z Computação Gráfica e Editora para a Nestlé. Não existe informação de roteirista ou desenhistas, só indicando o jornalista responsável, Paulo Sérgio Pires. O pequeno expediente apresenta a tiragem de 50 mil exemplares e uma periodicidade anual. A revista tem duas capas, com sentidos de leitura diferentes.



A primeira é a “Revista Passatempo”, com atividades em cada página, chamadas de “passa”: “passa-conta”, “passa-labirinto” ou “passa-palavras”, associadas ao nome do biscoito, “Passatempo”. Essa metade da revista tem uma HQ em tiras (uma por página) com uma turma de animais da selva: ‘Bichos Passatempo em Ação!’, que também participam das atividades. O outro lado da revista é “Revista A Divertida Fábrica de Chocolate”. Desta vez, os passatempos são nomeados como “choco-enigma”, “choco-palavra” ou “choco-teste”, associados ao chocolate “Surpresa”. Já os personagens da HQ (também em tiras) são uma turminha que vai visitar “A Fábrica de Chocolates”, mas enfrenta alguns contratemplos. No meio da revista existe um pôster com um passatempo gigante e espaços para colocar cards de animais que vinham encartados na embalagem do chocolate Surpresa.

Memória do Fanzine Brasileiro

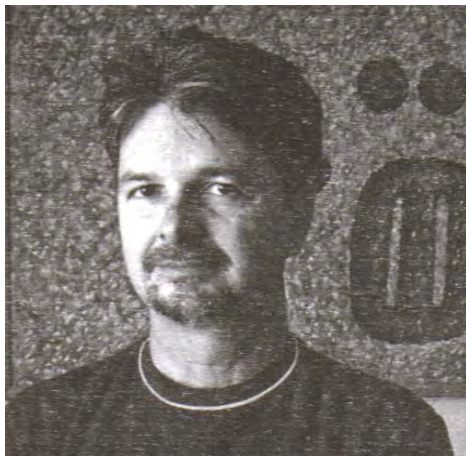
Depoimento do Editor

HENRIQUE MAGALHÃES

Henrique Paiva de Magalhães nasceu em João Pessoa, PB, em 1957. Concluiu, em 1983, o Curso de Comunicação Social na UFPB, onde é Professor de Jornalismo. Defendeu a dissertação ‘Os Fanzines de Histórias em Quadrinhos: o Espaço Crítico dos Quadrinhos Brasileiros’ no Mestrado da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo em 1990. Realizou a tese de Doutorado ‘Fanzines de Bande Dessinée: Rénovation Culturelle et Presse Alternative’ na Universidade Paris VII em 1996.

Em 1975, criei a personagem de quadrinhos Maria, que foi publicada por anos em tiras diárias nos jornais paraibanos, em fanzines e em semanários portugueses. Com a personagem, foram publicadas pelo autor dez revistas entre 1978 e 1982; uma edição especial intitulada “A Maior das Subversões”, em formato livro, em 1984; e um álbum, “Maria, Olhai os Lírios do Campo”, em 1998.

Além das revistas com Maria, editei seis números do fanzine “Marca de Fantasia”, em parceria com Sandra Albuquerque, entre 1985 e 1988; no início da década de 1990, lancei oito edições do fanzine “Nhô-Quim”, ambos voltados para a divulgação e o estudo dos quadrinhos brasileiros.



Em 1983, editei o livro “A Incrível História dos Quadrinhos”, sobre os quadrinhos paraibanos. Em 1993, saiu “O Que É Fanzine” pela editora Brasiliense, e em 1994 foi lançado de forma independente “O Rebuliço Apaixonante dos Fanzines”, estes baseados na dissertação do Mestrado.

Atualmente, tenho me dedicado à editora Marca de Fantasia, lançando fanzines (“Top! Top!”), revistas (“Mandala”, “Quiosque”, “Maria Magazine”), álbuns e livros sobre quadrinhos e cultura alternativa.

A coleção de livros “Das Tiras, Coração” tem a participação de Edgard Guimarães e já lançou o trabalho de vários autores de todo o país, entre eles: Henrique Magalhães (“Rendez-Vous”, 1995, “Macambira e sua Gente”, 2008), Érico San Juan (“Dito, o Bendito”,

1995), Joacy Jamys (“Não Sistema!”, 1995), Edgard Guimarães (“Tira-Teima”, 1995, “Ju & Jigá”, 2007), Cedraz (“Pipoca”, 1996, “Turma do Xaxado”, 2005), Paulo Emmanuel (“O Boêmio”, 1996), Marcelo Garcia (“Os Camomila”, 1997), Cristovam Tadeu (“Bartolo”, 1998), Edmar Viana (“Pivete”, 1998), Rogério (“Mogizinho”, 2001), Anita Costa Prado e Ronaldo Mendes (“Katita”).

Dos álbuns e edições especiais, podemos destacar: “A Terceira Onda”, com os expoentes dos quadrinhos paraibanos, em 1997; “Macambira e sua Gente”, de Henrique Magalhães, em 1997; “O Humor Gráfico de Luzardo Alves”, em 1997; “Guerra das Ideias”, de Flávio Calazans, 3ª edição em 1997 e 4ª edição em 2001; “Agartha”, de Edgar Franco, 1ª edição em 1998 e 2ª edição em 2002; “Maria, Olhai os Lírios do Campo”, em 1998; “Falas & Balões”, de Marcos Nicolau, em 1998; “Passageiros da Noite”, de Nuno Nisa, em 2000; “Ternário M.E.N.”, de Gazy Andraus, em 2001; “A Palavra em Ação”, de Marcelo Marat, em 2002.

Sob minha coordenação, foram lançados ainda na década de 1980, vários números do suplemento “Leve Metal”, da revista “Presença Literária”, reunindo quadrinhistas paraibanos, bem como um número de “Gran Circus” e outros da coleção de quadrinhos da Oficina Literária.

Nos anos 1990, saíram na França três edições do fanzine “Saravá”, de cultura geral, e uma de “Ave de Prata”, dedicada a Elba Ramalho, além de “L’Echo des Fanzines”.

Minha motivação para editar fanzines veio da necessidade de veicular meus quadrinhos. Inicialmente, editei revistas com minhas personagens. A partir do conhecimento de publicações de notícias e análises sobre quadrinhos por intermédio de troca de correspondências e contatos com outros quadrinhistas, parti para edições mais reflexivas, investindo também no estudo desse gênero de publicações.

Minhas publicações circulam até hoje pelos correios. Eventualmente coloco algumas edições em livrarias especializadas. Para a circulação em todo o país, utilizo uma lista de leitores que de alguma forma já tomaram conhecimento de minha produção.

Tenho trabalhado de forma particular com as histórias em quadrinhos, mas procuro registrar também outras expressões culturais, sobretudo quando produzidas de forma independente ou alternativa. A maior dificuldade para a produção é encontrar uma gráfica boa e barata que possa fazer pequenas tiragens sem macular a qualidade gráfica original. Para isso, tenho utilizado fotocopiadoras e, às vezes, duplicadoras.

Alguns fanzines ficaram pelo caminho, não por falta de público, mas por mudanças de rumo. Certas vezes, parcerias desfeitas me obrigaram a interromper uma produção (“Marca de Fantasia”), outras, viagens longas que determinaram o fim de um fanzine (“Nhô-Quim”). “Saravá” representou um momento particular, de exílio e reflexão.

Os fanzines de outros editores que mais me marcaram foram “Notícias dos Quadrinhos”, de Ofeliano de Almeida; “Quadrix”, de Worney A. de Souza; “Historieta”, de Oscar Christiano Kern; “PolitiQua”, de José Carlos Ribeiro; “O Grupo Juvenil”, de Jorge Barwinkel; “Fanzim”, de Aníbal Cassal; e “Quadrinhos Magazine”, de Gonçalo Júnior. Devo citar ainda as revistas “Fradim”, de Henfil; “O Bicho”, de Fortuna; “Mafalda”, de Quino; “Balão” e “Grilo”.

A editora Marca de Fantasia, pensada como uma editora independente, teve início em 1995. Até o momento, mesmo sofrendo com as incertezas dos rumos do país, tem conseguido manter um ritmo de produção notável. Algumas publicações alcançaram mais de uma edição, como foi o caso de “Guerra das Ideias”, “A Terceira Onda” e “Agartha”. Outras registraram um momento ímpar de nossa produção de quadrinhos, como a coleção de tiras. Os livros de ensaios também demonstram a necessidade e carência do público por publicações teóricas, que fundamentem suas produções. Os quadrinhos poéticos firmaram-se com a Marca de Fantasia e chegaram a merecer estudos acadêmicos. Um grande feito para uma pequena editora independente.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Edições produzidas ou editadas por Henrique Magalhães:

- “Maria” (1/2 of., ~20 pág.): 1 (mai/1978) a 10 (jul/1982). Publicada sob o selo Editora Artesanal até o nº 8. O nº 10 saiu em julho de 1982 como uma edição conjunta com “Binidito” 2, sob o selo Edições Macunaíma, sendo o volume 2 da coleção ‘Cartunistas Paraibanos Hoje’. O nº 9 de “Maria” tem data de maio de 1983 e corresponde ao volume 6 da coleção ‘Cartunistas Paraibanos Hoje’.
- “Binidito”: 1 e 2 (jul/1982).
- “Coleção Cartunistas Paraibanos Hoje” (1/2 of.): 1 a 6 (mai/1983). Coleção publicada pelas Edições Macunaíma, iniciativa da Fundação Espaço Cultural da Secretaria de Cultura da Paraíba. O vol. 4 trouxe “Lampião” de Cristovam Tadeu, e houve dois volumes 5, um com “Pedro” de Gilton, e outro correspondente ao nº 3 de “HQ”, de Deodato Borges e Deodato Filho.
- “A Incrível História dos Quadrinhos” (120x210mm, 88 pág.): 1983. Livro teórico sobre os Quadrinhos Paraibanos.



- “Gran Circus” (200x265mm, 36 pág.): 1 (abr/1984). Revista da Edições Macunaíma.
- “Leve Metal” (210x280mm, 12 a 20 pág.): 1 (jan/1984) a 4 (ago/1985). Suplemento de quadrinhos da revista “Presença Literária”.
- “Maria - A Maior das Subversões” (A5, 52 pág.): 1984. Primeira publicação sob o selo Marca de Fantasia, como o volume 1 da coleção ‘Quadrinhos’.



- “Marca de Fantasia” (A5, 40 a 52 pág.): 1 (jun/1985) a 6 (mar/1988).
- “Se Toque” (1/2 of.): 1 (13/out/1986) a 17 (6/jul/1987). Revista cultural, teve nova série de 31 números na década de 1990.
- “Nhô-Quim” (of., 20 a 24 pág.): 1 (jan/1990) a 8 (ago/1991).
- “Saravá” (170x255mm, 16 a 24 pág.): 1 (jul/1992) a 3 (ago/1994).



- “O Que É Fanzine” (115x155mm, 84 pág.): 1993. Livro editado pela Brasiliense, volume 283 da coleção ‘Primeiros Passos’.
- “O Rebulição Apaixonante dos Fanzines” (135x200mm, 170 pág.): 1994. Baseado na Tese de Mestrado de Henrique Magalhães. Reeditado em 2003 no formato 175x240mm com 114 pág.
- Em 1995, Henrique Magalhães formaliza sua editora Marca de Fantasia e inicia a publicação de uma grande quantidade de revistas, livros e álbuns, muitos deles organizados em coleções.
- “Top! Top!” (170x255mm, 20 a 52 pág.): 1 (jan/1995) a 26 (fev/2010). Revista sobre quadrinhos, nos últimos números mudou o formato para 140x200mm e tornou-se dedicado sobre autores brasileiros.



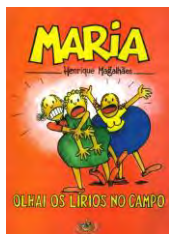
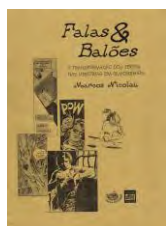
- “Tyli-Tyli” (170x255mm, 16 a 24 pág.): 1 (fev/1995) a 13 (jun/2001). Revista de quadrinhos poético-filosóficos, mudou o nome para “Mandala” a partir do nº 8.
- “Coleção Das Tiras, Coração” (140x200mm, 52 a 60 pág.): 1 (mar/1995) a 18 (2011). Coletânea de tiras de vários autores.
- “A Terceira Onda” (170x255mm, 32 pág.): setembro de 1995. Catálogo da exposição homônima de quadrinhos paraibanos.



- “Macambira e Sua Gente” (225x180mm, 48 pág.): 1996.
- “Guerra das Ideias” (3ª ed., 190x260mm, 64 pág.): 1997. Teve 4ª edição em 2001 no formato 170x240mm e 5ª edição em 2011, vol. 8 da “Série Repertório”. As duas primeiras edições foram de Worney Almeida e do autor, Flávio Calazans.
- “O Humor Gráfico de Luzardo Alves” (190x260mm, 52 pág.): 1997. Teve 2ª edição em 2003 no formato 140x200mm.



- "A Saga Arrebatadora de Se Toque" (120x180mm, 64 pág.): novembro de 1997.
- "Falas & Balões" (200x275mm, 48 pág.): 1998. Livro de Marcos Nicolau, teve 2ª edição em 2008, vol. 20 da "Série Quiosque".
- "Agartha" (190x260mm, 66 pág.): 1998. Álbum de HQ de Edgar Franco.
- "Maria, Olhai os Lírios do Campo" (190x260mm, 52 pág.): 1998. Álbum de HQ de Henrique Magalhães.



- "Passageiro da Noite" (170x240mm, 52 pág.): 2000. Álbum de HQ de Nuno Nisa.
- "Maria Magazine" (140x200mm, 20 a 36 pág.): 1 (jun/2000) a 3 (fev/2012).
- "Quiosque" (170x240mm, 16 e 20 pág.): 1 (dez/2000), 2 (jun/2001). Observatório das mídias.
- "Ternário M.E.N." (170x240mm, 64 pág.): 2001. Álbum de HQ de Gazy Andraus.



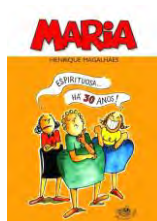
- "A Guerra dos Golfinhos" (170x240mm, 70 pág.): 2002. Álbum de HQ de Flávio Calazans.
- "A Palavra em Ação" (170x240mm, 100 pág.): 2002. Livro teórico de Marcelo Marat, teve outra edição em 2006.
- "Série Corisco" (140x200mm, 24 a 40 pág.): 1 (2002) a 8 (2012). Álbuns de quadrinhos autorais de Luciano Irrthum, Edgard Guimarães e Luigi Rocco, Jean Okada, Edgar Franco, Edgard Guimarães e Antonio Eder, Leonardo Santana e Maurício Fig, Anita Costa Prado e Ronaldo Mendes.



- "The Paraibanos de Subúrbio" (140x200mm, 52 pág.): 2004. Álbum de HQ de Laércio Santos.
- "MÁS HUMOR" (140x200mm, 52 pág.): 2004. HQs de Sergio Más.
- "Série Quiosque" (120x180mm, 50 a 122 pág.): 1 (2004) a 27 (2011). Livros de ensaios sobre quadrinhos e afins, de autoria de Thierry Groensteen, Edgard Guimarães, Wellington Srbek, Edgard Franco, Márcio Salerno, Henrique Magalhães, Gian Danton, Ariadne Rengsti, Bráulio Tavares, Roberto Elisio dos Santos, Daslei Bandeira, Marcos Nicolau, Gonçalo Júnior, Vitor Nicolau, Victor Pinheiro. A partir do vol. 24, passou a sair na forma de e-book.

- "10 Minutos" (140x200mm, 64 pág.): 2004. Álbum de HQ de Angelo Pastro.
- "Vidas Solitárias" (140x200mm, 56 pág.): 2005. Álbum de HQ de Marcelo Marat e Emanuel Thomaz.
- "Um Mundo em Quadrinhos" (140x200mm, 68 pág.): 2005. Livro teórico de Wellington Srbek.

- "Maria: Espirituosa Há 30 Anos" (140x200mm, 54 pág.): 2005. Álbum de HQ de Henrique Magalhães.
- "Série Veredas" (130x190mm, 52 a 174 pág.): 1 (2006) a 27 (2012). Ensaíos sobre comunicação, artes e cultura pop, autoria de Wellington Pereira, Wellington Srbek, Bráulio Tavares, Mateus Andrade, Marina Magalhães, Isaac Soares, JJ Domingos, Ricardo Oliveira, Gian Danton. A partir do vol. 16, passou ao formato e-book.
- "Marginal" (140x200mm, 52 pág.): 2006. HQs de Shiko.
- "Riscos no Tempo" (140x200mm, 80 pág.): 2006. Livro teórico de José Audaci Júnior.
- "Arlequim" (140x200mm, 60 pág.): 2007. Álbum de HQ de Roberto Hollanda e Renato Hollanda.



- "Série Biografix" (140x200mm, 48 a 76 pág.): 1 (2007) a 6 (2009). Obras referenciais de autores brasileiros, como Nilson, Shimamoto, Edson Rontani, Luiz Saindeberg, Cleuber Christiano.
- "Happy Slap!" (140x200mm, 84 pág.): 2008. Álbum de HQ de Maxx Figueiredo.
- "Série Repertório" (140x200mm, 60 a 108 pág.): 1 (2009) a 12 (2012). Quadrinhos contemporâneos de Elmano Silva, Marcelo Marat e Emanuel Thomaz, Killofer, Edgard Guimarães, Messias de Mello, Flávio Calazans, Trondheim, Luciano Irrthum.
- "Artlectos e Pós-Humanos" (140x200mm, 32 a 36 pág.): 3 (mar/2009) a 6 (mar/2012). Revista de Edgar Franco, cujos dois primeiros números saíram pela Editora SM em 2006 e 2007.
- "Série Quadrinhos Poético-Filosóficos" (140x200mm): 2012. Dois volumes dedicados à obra de Edgar Franco.

A editora Marca de Fantasia publicou várias outras edições não específicas de quadrinhos e a partir de 2009 aumentou a produção de livros virtuais, incluindo a revista teórica "Imaginarío".

III UGRA ZINE FEST



Festival de Fanzines, Cultura Independente e Quadrinhos no Centro Cultural São Paulo, nos dias 6 e 7 de abril, das 10h às 18h. Gibiteca Henfil – R. Vergueiro, 1000 – São Paulo – SP. Mais informações: <http://ugrapress.com.br>

Programação:

Dia 6 de abril, sábado

- 10h:** Oficina de colagem, com Kauê Garcia.
Local: Gibiteca Henfil (vagas limitadas, inscrição prévia pela Gibiteca Henfil).
- 12h:** Palestra 'Construindo uma Fanzinoteca', com Fernanda Meireles.
Local: Praça das Bibliotecas
- 14h:** Pré-estreia do 3º capítulo da trilogia "Fanzineiros do Século Passado", do Márcio Sno.
Local: Sala Lima Barreto.
- 15h30:** Palestra 'Retrospectiva do editor Edgard Guimarães', com Edgard Guimarães.
Local: Praça das Bibliotecas.
- 16h45:** Debate 'Fanzines, Sexualidade e Questões de Gênero'.
Mediação: Fernanda Meireles. Com Anita Prado, Julie.
Local: Praça das Bibliotecas.

Dia 7 de abril, domingo

- 10h:** Oficina de Quadrinhos Experimentais, com Law Tissot.
Local: Gibiteca Henfil (vagas limitadas, inscrição prévia pela Gibiteca Henfil).
- 12h:** Palestra 'O Fanzine na Escola' da Ana Basaglia.
Local: Praça das Bibliotecas.
- 14h:** Exibição do documentário "DocZine" de Portugal.
Local: Sala Lima Barreto.
- 15h30:** Palestra 'Prego no Brasil e no mundo', com Alex Vieira.
Local: Praça das Bibliotecas.
- 16h30:** Debate 'Estratégias de Viabilização para os Quadrinhos Independentes'. Mediação: Worney. Com Daniel Esteves, Alex Vieira e Gual.
Local: Praça das Bibliotecas.
- 18h:** Show com as bandas Tuna e Morto Pela Escola.
Local: Sala Adoniran Barbosa.

Durante os dois dias.

- Exposição 'Panorama Iberoamericano de Publicações Independentes'.
Local: Praça das Bibliotecas.
- Exposição 'Futuro Primitivo' do coletivo português Chili com Carne.
Local: Praça das Bibliotecas.
- Feira de venda e troca de zines e publicações independentes.
Local: entrada da Biblioteca.

Coleção A ESPADA SELVAGEM DE CONAN



Do nº 1 ao 134

Capa colorida, miolo p&b

Preço de toda a coleção: R\$ 300,00
(frete já incluído para toda parte do Brasil)

Falar com Zito Jr, residente em Sumé – PB
Contato: tel.: (83) 9977-1514
e-mail: zitojr@gmail.com

DA ALEMANHA

Gerd Bonau enviou, juntamente com o nº 92 de seu fanzine "Omí", o nº 71 da revista "Comics & Mehr", uma revista informativa com 64 páginas, colorida, noticiando os lançamentos de quadrinhos na Alemanha. Detalhe: a revista é grátis. Uma enorme variedade de álbuns, com um bom destaque para clássicos e modernos europeus. Tem que ter bolso de primeiro mundo para dar conta. Sorte deles. Mas os alemães não ficaram livres da onipresença da Panini. E toda a tralha DC/Marvel está lá também. Dos anúncios de página inteira da revista, 9 em 10 são da Panini. Azar deles.



EDIÇÕES INDEPENDENTES




Amores Plurais
Quadrinhos e Homossexualidade

AMORES PLURAIS
Quadrinhos e homossexualidade

Vários autores
Henrique Magalhães (org.)
92p. 14X20cm. R\$14,00.
HQ de diversos estilos gráficos.
www.marcadefantasia.com




ICFIRE - 99
EDIÇÃO COLORIDA. AVENTURA FINAL
COM OS DESTRUIDORES. INÉDITO.
POR CHAGAS LIMA.
20 PÁG. A5. TUDO COLOR. R\$ 5, OU
SELOS, OU TROCA. MAR/2013.
CHAGAS LIMA. R. MIRIAN COELI, 1737,
LAGOA NOVA. 59054-440. NATAL/RN.



Caverna dos Gibis 03
resenhas de quadrinhos
Capa exclusiva de
Eduardo Rizzo
tchedenilson@gmail.com



MEDO!
Alberto Pessoa
56p. 14X20cm. R\$10,00.
Quadrinhos inspirados e em
homenagem a Flavio Colin.
www.marcadefantasia.com



ICFIRE - 96
NESTA EDIÇÃO, MAS UMA AVENTURA
DE ICFIRE FG. 14, FECHANDO O ANO DE
2012. E TEM CONTAGEM REGRESSIVA
PARA ICFIRE 100 COM TAL PAI, TAL FILHO.
DE CHAGAS LIMA.
24 PÁG. A5. CAPA COR. R\$ 4,
OU SELOS, OU TROCA. DEZ/2012.
CHAGAS LIMA. R. MIRIAN COELI,
1737, LAGOA NOVA. 59054-440. NATAL/RN.



ICFIRE - 97
NESTA EDIÇÃO, HQ TOTALMENTE
COLORIDA NO UNIVERSO CLIMA.
A PARTIR DAQUI ICFIRE É COLORIDO.
POR CHAGAS LIMA. IMPERDÍVEL. CARTAS
E E-MAILS.
24 PÁG. A5. CAPA COR. R\$ 4, OU SE-
LOS, OU TROCA. JAN/2013.
CHAGAS LIMA. R. MIRIAN COELI,
1737, LAGOA NOVA. 59054-440. NATAL/RN.



ICFIRE - 98
EDIÇÃO COLORIDA. AVENTURA INICIAL
COM OS DESTRUIDORES. INÉDITO.
POR CHAGAS LIMA.
20 PÁG. A5. TUDO COLOR. R\$ 4, OU
SELOS, OU TROCA. FEV/2013.
CHAGAS LIMA. R. MIRIAN COELI, 1737,
LAGOA NOVA. 59054-440. NATAL/RN.

QUADRINHOS

ÁLBUM TARZAN * nº 13 * 2012 * 108 pág. *
180x270mm * capa color. * R\$ 70,00 * **Sérgio Luiz Franque** - R.
César Brigato, 295 - Ribeirão Preto - SP - 14090-540.

ÁLBUM TARZAN * nº 14 * 2012 * 108 pág. *
180x270mm * capa color. * R\$ 70,00 * **Sérgio Luiz Franque** - R.
César Brigato, 295 - Ribeirão Preto - SP - 14090-540.

ÁLBUM TARZAN * nº 15 * 2012 * 108 pág. *
180x270mm * capa color. * R\$ 70,00 * **Sérgio Luiz Franque** - R.
César Brigato, 295 - Ribeirão Preto - SP - 14090-540.

AMORES PLURAIS * 2013 * 96 pág. * 140x200mm *
capa color. * R\$ 14,00 * **Henrique Magalhães** - Av. Maria
Elizabeth, 87/407 - João Pessoa - PB - 58045-180.

ARQUIVO * nº 41 * jan/2012 * 20 pág. * A5 * R\$ 3,00 *
Denilson Reis - R. Gaspar Martins, 93 - Alvorada - RS - 94820-380.

ÁTOMO * nº 7 * jan/2013 * 16 pág. * A5 * **Ricelle Sullivan**
Suad - 2ª Travessa da Rua Nova, 52 - Camboa - São Luís - MA -
65020-401.

AVENTURAS DE TARZAN * nº 5 * 2013 * 100 pág. *
180x270mm * capa color. * R\$ 70,00 * **Sérgio Luiz Franque** - R.
César Brigato, 295 - Ribeirão Preto - SP - 14090-540.

CAMIÑO DI RATO * nº 6 * fev/2013 * 60 pág. *
155x230mm * color. * R\$ 4,00 * **Matheus Moura** - R. Princesa
Isabel, 1578 - Tabajaras - Uberlândia - MG - 38400-192.

CARTILHA CARTUM **Direção Defensiva** *
mar/2013 * 24 pág. * A5 * color. * **Aldo Maes dos Anjos** - R. Nova
Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

CARTUM * n° 76 * mar/2013 * 28 pág. * A5 * color. * R\$ 75,00 (assinatura anual) * **Aldo Maes dos Anjos** - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

CAVERNA DOS GIBIS * n° 3 * set/2012 * 20 pág. * A5 * R\$ 3,00 * **Denilson Reis** - R. Gaspar Martins, 93 - Alvorada - RS - 94820-380.

CHICO SPENCER * n° 4 * dez/2012 * 36 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** - C.P. 95 - Jaú - SP - 17201-970.

COCÔMICO ZINE * n° 1 * dez/2012 * 16 pág. * A5 * R\$ 2,00 * **Filipe Lucidi** - R. Major Manoel Antônio de Mattos, 1231 - J. Ricetti - São Carlos - SP - 13560-831.

CORCEL NEGRO * n° 6 * dez/2012 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** - C.P. 95 - Jaú - SP - 17201-970.

COVERS * mar/2013 * 12 pág. * A5 * R\$ 2,00 * **Alex Rogério Veronez** - R. Dr. Pedro Raimundo, 329 - Vila Carmen - São Carlos - SP - 13575-470.

DEMÊNCIA * s/n° * 2013 * 8 pág. * A5 * **Cesar Meirelles** - R. José Bonifácio, 805, fundos - Centro - São Leopoldo - RS - 93010-180.

DEMÊNCIA * s/n° * 2013 * 8 pág. * A5 * **Cesar Meirelles** - R. José Bonifácio, 805, fundos - Centro - São Leopoldo - RS - 93010-180.

ÉBANO * n° 1 * dez/2012 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 6,00 * **Fábio Chibilski** - R. Rio Grande do Sul, 949 - Vila Liane Orfan - Ponta Grossa - PR - 84015-020.

FANDAVENTURAS * *Os Órfãos do Mar* * n° 2 * 2012 * 100 pág. * A4 * capa color. * **José Pires** - gussy.pires@sapo.pt.

FANDWESTERN * *Série Matt Marriott* * n° 4 * 2012 * 58 pág. * A4 * capa color. * **José Pires** - gussy.pires@sapo.pt.

FICÇÃO - Dia Nacional do Fanzine * fev/2013 * 8 pág. * A7 * **Gazy Andraus** - R. Jacob Emerick, 458/805 - Centro - São Vicente - SP - 11310-070.

ICFIRE * n° 96 * dez/2012 * 24 pág. * A5 * capa color. * R\$ 4,00 * **Chagas Lima** - R. Miriam Coeli, 1737 - Lagoa Nova - Natal - RN - 59054-440.

ICFIRE * n° 97 * jan/2013 * 24 pág. * A5 * color. * R\$ 4,00 * **Chagas Lima** - R. Miriam Coeli, 1737 - Lagoa Nova - Natal - RN - 59054-440.

ICFIRE * n° 98 * fev/2013 * 16 pág. * A5 * color. * R\$ 4,00 * **Chagas Lima** - R. Miriam Coeli, 1737 - Lagoa Nova - Natal - RN - 59054-440.

ICFIRE * n° 99 * mar/2013 * 16 pág. * A5 * color. * R\$ 5,00 * **Chagas Lima** - R. Miriam Coeli, 1737 - Lagoa Nova - Natal - RN - 59054-440.

JORNAL GRAPHIQ * n° 72 * fev/2013 * 12 pág. * 280x320mm * capa color. * R\$ 4,00 * **Mário Latino** - C.P. 213 - Suzano - SP - 08675-970.

JORNAL GRAPHIQ * n° 73 * fev/2013 * 12 pág. * 280x320mm * capa color. * R\$ 4,00 * **Mário Latino** - C.P. 213 - Suzano - SP - 08675-970.

OMI * n° 92 * mar/2013 * 24 pág. * A5 * **Gerd Bonau** - Berliner Strabe 9 - Rendsburg - 24768 - Alemanha.

O POVO DO MONJOLINHO * *especial 5 anos* * jul/2012 * 40 pág. * A5 * **Filipe Lucidi** - R. Major Manoel Antônio de Mattos, 1231 - J. Ricetti - São Carlos - SP - 13560-831.

REACÇÃO * n° 4 * nov/2012 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** - C.P. 95 - Jaú - SP - 17201-970.

ROMANCE EM QUADRINHOS * n° 3 * jan/2013 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** - C.P. 95 - Jaú - SP - 17201-970.

SUPER GIBI * n° 1 * mar/2013 * 60 pág. * 180x260mm * R\$ 30,00 * **José Salles** - C.P. 95 - Jaú - SP - 17201-970.

TARZAN * *tiras de Russ Manning* * n° 13 * 2013 * 50 pág. * 320x215mm * capa color. * R\$ 35,00 mais porte * **Lirio Comics** - R. Pedro Kurowsky, 250 - São Bento do Sul - SC - 89290-000.

TARZAN * *tiras de Russ Manning* * n° 14 * 2013 * 50 pág. * 320x215mm * capa color. * R\$ 35,00 mais porte * **Lirio Comics** - R. Pedro Kurowsky, 250 - São Bento do Sul - SC - 89290-000.

TARZAN * *tiras de Russ Manning* * n° 15 * 2013 * 50 pág. * 320x215mm * capa color. * R\$ 35,00 mais porte * **Lirio Comics** - R. Pedro Kurowsky, 250 - São Bento do Sul - SC - 89290-000.

TARZAN * *tiras de Russ Manning* * n° 16 * 2013 * 52 pág. * 320x215mm * capa color. * R\$ 35,00 mais porte * **Lirio Comics** - R. Pedro Kurowsky, 250 - São Bento do Sul - SC - 89290-000.

FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR

BOCA DO INFERNO * n° 2 * fev/2013 * 4 pág. * A5 * **Renato Rosatti** - Av. dos Lagos, 382 - Veleiros - São Paulo - SP - 04774-000.

JUVENATRIX * n° 144 * fev/2013 * 15 pág. * arquivo pdf via e-mail * **Renato Rosatti** - renatorosatti@yahoo.com.br.

JUVENATRIX * n° 145 * mar/2013 * 15 pág. * arquivo pdf via e-mail * **Renato Rosatti** - renatorosatti@yahoo.com.br.

OUTROS ASSUNTOS

O CAPITAL * n° 223 * jan/2013 * 16 pág. * A4 * **Ilma Fontes** - Av. Ivo do Prado, 948 - Aracaju - SE - 49015-070.

O CAPITAL * n° 224 * fev/2013 * 16 pág. * A4 * **Ilma Fontes** - Av. Ivo do Prado, 948 - Aracaju - SE - 49015-070.

ESTA INVOLUNTARIEDADE IMPRÓPRIA * 2012 * 36 pág. * A5 * **Cássio Aquino** - poeta@riseup.net.

A FALECIDA * n° 13 * mar/2013 * 32 pág. * A5 * **Angelo Davanço** - C.P. 126 - Ribeirão Preto - SP - 14001-970.

NFL ZINE * n° 33 * fev/2012 * 8 pág. * 190x320mm * **Hamilton Tadeu** - C.P. 15030 - São Paulo - SP - 01537-970.

A TRÉPLICA * n° 8 * ago/2012 * 8 pág. * A5 * R\$ 2,00 * **Denilson Reis** - R. Gaspar Martins, 93 - Alvorada - RS - 94820-380.

LITERATURA, POESIA e MÚSICA

BADULAQUES * n° 6 * **Ioneide Santos do Nascimento** - Conj. Parque Piauí, quadra 138, casa 3 - Teresina - PI - 64025-490.

O BOÊMIO * n°s 280 * **Eduardo Waack** - R. Francisco José Ribeiro, 195 - Matão - SP - 15990-776.

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE BRASÍLIA * n° 77 - C.P. 500 - Ag. W3 - 508 Sul - Brasília - DF - 70359-970.

BOLETIM DE ANÚNCIOS * n° 17/2013 * **Armindo F. Gonçalves** - C. P. 29 - Ferraz de Vasconcelos - SP - 08530-970.

COISAS & TAL * n° 2 * **Ioneide Santos do Nascimento** - Conj. Parque Piauí, quadra 138, casa 3 - Teresina - PI - 64025-490.

COTIPORÁ CULTURAL * n° 44 e 45 * **Adão Wons** - R. Marcílio Dias, 253 - Térreo - Cotiporã - RS - 95335-000.

EXPRESSANDO EM POESIA * n° 26 * **Maria de M. Bandeira** - R. São Gabriel, 461 - Urândia - Santa Maria - RS - 97070-620.

O GARIMPO * n° 91, 92 e 93 * **Cosme Custódio da Silva** - R. dos Bandeirantes, 841/301 - Matatu - Salvador - BA - 40260-001.

HIPSTERIA * trilha sonora * **Matheus Souza** – C.P. 011 – Americana – SP – 13465-970.

L'ATMOSFERE * nº 8 * **Denilson Reis** – R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380.

LETRAS SANTIAGUENSES * nº 103 – **Auri Sudati** – C.P. 411 – Santa Maria – RS – 97001-970.

MISSIONÁRIOS DA POESIA * nº 34 * **Antonio Pereira de Mello** – R. Oscar Henrique Zappe, 212 – Itararé – Santa Maria – RS – 97045-350.

“NAS CARRERA” * **Ioneide Santos do Nascimento** – Conj. Parque Piauí, quadra 138, casa 3 – Teresina – PI – 64025-490.

PROFANO * nº 1 * **Ioneide Santos do Nascimento** – Conj. Parque Piauí, quadra 138, casa 3 – Teresina – PI – 64025-490.

VIDA E PAZ * nº 157 e 158 * **Mauro Sousa** – C.P. 2030 – Santos – SP – 11060-970.

A VOZ * nº 128 e 129 * Av. Dr. José Rufino, 3625 - Tejipió - Recife - PE - 50930-000.

RECADOS

Dédy Edson divulga seu site e seu blog, sobre gibis, discos, etc.: www.fantasmafriends.cjb.net e hemerotecadotatuape.blogspot.com.

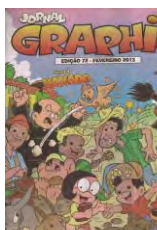
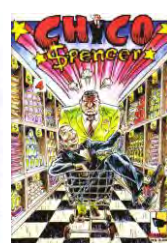
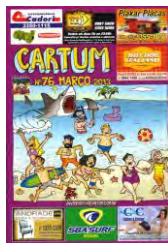
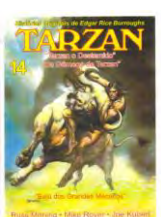
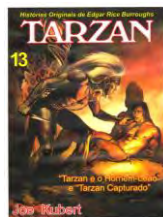
A **Academia de Letras de Campos de Jordão** organiza o I Prêmio Campos de Jordão de Poesia, com inscrições até 30 de abril. Informações: academiadeletras.cjordao@gmail.com.

Arthur Filho avisa que a revista “Billy The Kid & Outras Histórias” (faroeste feito por brasileiros) está à venda (veja as imagens) em: www.bodegadoleo.com.

Aparecido Denio de Oliveira coleciona cartões telefônicos e iniciou uma coleção de selos com tema ‘Fauna e Flora’ e procura intercâmbio. – Av. João Baroni, 425 – Barretos – SP – 14783-230.

Angelo Davanço, editor de “A Falecida”, agora anual, divulga seu blog: www.zineafalecida.blogspot.com.br.

GALERIA DE CAPAS





Carlos Rico enviou o regulamento do “Moura BD 2013 – Concurso BD & Cartune”, do qual é um dos organizadores.

O concurso aceita só originais inéditos (no máximo 5 trabalhos por participante) no tamanho máximo de 50x50cm (no entanto, recomendando os tamanhos A4 ou A3).

Há duas modalidades de trabalho, Banda Desenhada ou Cartune, e o tema é livre. As BDs deverão ter de 2 a 6 páginas. Também há duas faixas etárias, a primeira para os participantes de 13 a 25 anos, e a segunda para os maiores de 26 anos.

Haverá premiação de 500 euros, diploma e coleção de BD para a categoria Banda Desenhada e de 300 euros, diploma e coleção de BD para a categoria Cartune. Poderá haver menções honrosas. O prêmio corresponde à aquisição do original. Os melhores trabalhos serão expostos no “Moura BD 2013 – 18º Salão Internacional de Banda Desenhada”, a realizar entre 19 de abril e 1º de maio.

Os trabalhos devem ser enviados, junto com um pequeno currículo, para a Câmara Municipal de Moura, até o dia 1º de abril. Este prazo já estará vencido quando esta divulgação for lida, mas este Concurso ocorre regularmente (já é o 16º) e o interessado pode manter contato para ser avisado da próxima edição.

Maiores informações no site da Câmara Municipal de Moura, do Moura BD ou no e-mail do organizador: carlos.rico@cm-moura.pt.

ALÉM DO HIPERESPAÇO

Cesar Silva

Análise sobre dois tópicos principais do “QI” 119, enviada por e-mail.

No “QI” propriamente dito, quero comentar sobre o tema do artigo do António Martinó, ‘Construções de Armar’, que é um assunto que conheço muito bem. Para mim, miniaturas de armar ocupam um interesse especial, tão ou mais predominante que o quadrinho. Gosto de fazer isso desde criança, acompanhei a “Recreio”, citada no artigo, e desde então tenho colecionado publicações sobre o assunto, tanto brasileiras quanto estrangeiras. Atualmente, esse hobby está mais acessível por causa da internet, há dezenas, senão centenas de sites dedicados a compartilhar modelos e na minha opinião, por causa disso vivemos uma verdadeira era de ouro na arte. Quase tudo se encontra para montar em papel, há profissionais que se dedicam ao trabalho e disponibilizam suas criações gratuitamente, mas há muitos que vendem e há muita pirataria, sinal que existe uma grande demanda internacional. Nas redes sociais há várias comunidades sobre o assunto (os termos de busca são ‘papercraft’ ou ‘papermodel’), e assim como acontece com quadrinhos e música, às vezes algumas dessas fontes são fechadas pela polícia por compartilhar peças que têm os direitos privados. No Brasil, o assunto não gera comércio, mas no exterior existem publicações especializadas, que trazem esquemas para montar modelos detalhadíssimos. O hobby é mais praticado na Europa oriental e no extremo oriente, especialmente no Japão, onde a arte tem uma longa história. Uma das revistas mais antigas e respeitadas do segmento é a polonesa “Mati Modelarz”. Acho que talvez não seja mais publicada, mas boa parte de sua longa carreira pode ser encontrada nos sites de compartilhamento, com modelos sofisticadíssimos que intimidam até modelistas veteranos. A maior quantidade de modelos é sobre militar, aviões, blindados e navios de combate, mas também há automóveis, construções & monumentos, animais, espaçonaves, personagens e até pequenas maquininhas com movimento.

Apesar de não ser uma grande febre no Brasil, às vezes aparecem revistas com modelos de papel de armar. Uma das últimas que me lembro foi editada por ninguém menos que nosso amigo em comum Marcatti, que é um grande entusiasta da arte. Outro quadrinhista que aprecia o assunto é o Spacca, que já andou disponibilizando modelos dele na internet. Eu tratei do assunto no “Hiperespaço” e até publiquei alguns dos modelos que projetei, especialmente de espaçonaves do cinema e da TV. Quando obtive, por uma sorte dessas que não se pode explicar, uma grande coleção de “O Tico-Tico”, fiquei maravilhado com muitos dos modelos que o jornal publicou, entre eles uma enorme caravela que é uma maravilha. Atualmente, os modelos em papel ganharam interesse com a toyart, atividade que geralmente é realizada em tecido ou resina, mas que já tem muitos praticantes em papel. Se tiver mais alguém por aí interessado no assunto, pode entrar em contato comigo.

Outro assunto que me interessa aparece no ensaio ‘O Desenho Inferior das Histórias em Quadrinhos’. Não é minha intenção contestar suas conclusões, mas não concordo que o desenho dos quadrinhos seja de pior qualidade em relação a qualquer outro. Ele é adequado à linguagem e lançou uma série de estéticas que influenciaram até o cinema. Noel Sickles e seus seguidores foram geniais e estão entre os meus favoritos. Mas, independente da minha opinião pessoal, ocorre que você se equivocou ao pintar um quadro grosseiro da técnica da gravura, pois as limitações plásticas que você apontou não procedem.

Os japoneses desenvolveram, ainda na era feudal, gravuras a partir de matrizes de madeira que não só eram lindamente coloridas como também tinham ampla variedade tonal, cuja vitalidade influenciou, séculos depois, a arte de Toulouse Lautrec, por exemplo. Mesmo a xilogravura praticada no Brasil é muito rica e criativa. A técnica de gravação de topo, por exemplo, permite detalhes mínimos que, se feitos com cuidado, nada deixam a dever aos mais exigentes amantes do desenho. A gravação em metal, contudo, é ainda mais rica no aspecto tonal. Além da técnica de gravação com Ponta Seca, que muitos desenhistas gostam de imitar com a pena, a gravura em metal permite, com o uso de uma variedade de ferramentas, a obtenção de meio-tons muito ricos e delicados. Na gravação direta podem ser obtidos lindos tons com hachuras a partir de um instrumento chamado buril, num efeito similar ao que vemos nos desenhos das notas de dinheiro. Alguns artistas do passado eram craques no uso dessa técnica, como por exemplo Albrecht Dürer. Também pode-se obter ótimos resultados com traços mais suaves e sem rebarbas, usando a técnica da Água-Forte, na qual se recobre a chapa com verniz negro e desenha-se diretamente sobre ela com uma agulha, levando depois a um banho de ácido. Pode-se obter resultados quase fotográficos com a Maneira Negra, que faz uso de instrumentos como o berceau e o brunidor, com a qual se obtém profundidades tonais impossíveis de atingir com qualquer outra técnica de desenho e pintura. E ainda há a técnica da Água-Tinta, na qual o artista aplica sobre a matriz um verniz à base de laca para proteger as partes que se quer preservar, fundindo-se depois pó de breu sobre a chapa e mergulhando-a em ácido. Dependendo do tempo de imersão e da quantidade de banhos (que podem ser sobrepostos), obtém-se meio-tons de ampla variedade. Todas essas técnicas também permitem que se elabore trabalhos em cores, com a técnica da Matriz Perdida, por exemplo, em que cada cor é trabalhada sequencialmente sobre a mesma chapa.

Não duvido que possa ter existido, eventualmente, artistas que encomendaram a produção de gravuras a partir de desenhos feitos em papel, mas isso deve ter sido bastante raro porque, geralmente, o gravador é autor de seus próprios trabalhos. O que era comum, e ainda hoje é, era o artista gravador encomendar a impressão de suas matrizes a um mestre impressor, uma vez que o trabalho de impressão exige especialização para se obter séries bem tiradas. Dependendo do gabarito do mestre impressor, não duvido que ele assinasse a série junto com o gravador, talvez daí venha a sua confusão. Tanto é que na notação das gravuras se usa PE (Prova de Estado, quando o trabalho está em progresso), PA (Prova do Artista, para o gravador avaliar o resultado da impressão) ou para o caso de gravuras de séries abertas) e PI (Prova do Impressor). Há outras notações, mas nunca ouvi falar de que tenha existido PG (prova do gravador).

Outros gravadores famosos foram Rembrandt e Goya, que fez séries maravilhosas de cartuns e caricaturas. Picasso foi um gravador eclético, mas gostava muito de trabalhar com linóleo, que é um tipo de couro sintético com o qual se pode produzir gravuras em cores com mais facilidade, uma vez que cada parte da matriz pode ser entintada separadamente. É muito difícil conseguir linóleo hoje em dia. Tenho praticado gravura há alguns anos e sou um entusiasta da arte. Gostaria muito de poder fazer mais, mas a técnica exige uma oficina, com muito espaço e uma prensa, coisa que não tenho condições de dispor. Mas sempre que posso, frequento oficinas e workshops para fazer mais alguns trabalhos. A gravura é ideal para quadrinhistas, pois permite produção de séries na qual cada cópia é considerada, no mercado de arte, como um original, com o mesmo valor, às vezes até maior, que um desenho feito à mão. Mas os nossos artistas não se interessam muito por gravuras, pois sonham diuturnamente com o mercado de bancas e livrarias. Uma das raras exceções é Samuel Casal, que tem desenvolvido um trabalho excelente com xilogravuras.

Ou seja, não foi por qualquer deficiência técnica da gravura que os desenhistas optaram por “simplificar” os desenhos, e muito menos por isso que se adotaram sistemas de impressão mais modernos. De fato, foi tudo uma questão de custo e rapidez que, no fim das contas, também tem a ver com o custo. Dia destes, tive oportunidade de ter em mãos um dos primeiros “O Tico-Tico”, impresso em litografia. A qualidade da impressão era infinitamente superior aos exemplares que tenho, das décadas de 1930 e 1940, qualidade essa que só foi igualada recentemente, com a tecnologia digital. Ou seja, a tipografia e o off-set na verdade deram um grande passo atrás no que se refere à qualidade final da imagem impressa.

Sobre as construções de armar, seu comentário corroborou minha impressão inicial. Praticamente acabou, considerando sua proposta inicial de ser uma atividade para desenvolver e divertir crianças. Ou nos dizeres de Martinó: “Perderam, no entanto, o original encanto de tempos em que os brinquedos eram uma aquisição pessoal de cada um de nós”. Pelo que você escreveu, continua em grande atividade entre os adultos. Para crianças, encontrei nas bancas uma coleção da Abril de 1997 com três números (Casa Assombrada, Foguete e Navio Pirata) e mais uma edição da Escala. Nunca vi em banca outros exemplos. Você sabe me dizer se houve outras publicações desse tipo?

Sobre o “desenho inferior” das HQs, você diz que não concorda que sejam de qualidade inferior. Eu coloquei, no texto, imagens de três autores (Harman, Briggs e Sickles) contrapondo ilustração e quadrinho. Mesmo com as ilustrações em preto e branco e bastante reduzidas, eu vejo claramente que são muito superiores aos desenhos dos quadrinhos. Este é o pressuposto do artigo, a partir do qual foi desenvolvido. Se você não enxerga assim, não há o que discutir a esse respeito. Uma discussão só é possível em cima de bases comuns.

Muito boa sua explanação sobre a grande variedade das técnicas e possibilidades da gravura. Mas você diz que eu me equivoquei sobre suas limitações plásticas. No texto, eu não faço menção às qualidades plásticas ou artísticas da gravura, eu que vejo possibilidades artísticas até no mimeógrafo a álcool. A questão é apenas em relação à reprodução de um original feito em qualquer forma (desenho, retrato, pintura). O verbete “gravura” na “Grande Enciclopédia Larousse Cultural” diz claramente: “Com o séc. XX, a gravura, como meio de reprodução, foi suplantada pela fotografia e passou a pertencer inteiramente aos criadores”. Também em relação ao “meio-tom”, a questão é em relação à capacidade da gravura reproduzir tonalidades de cinza presentes em um original. Se for tirada uma cópia xerográfica de um desenho feito com aguada, alguma coisa vai sair na cópia. Uma máquina xerográfica comum vai escurecer os tons mais escuros do cinza e clarear os tons mais claros. Ou seja, não vai reproduzir adequadamente o meio-tom. Portanto, a reprodução xerográfica não é adequada para o meio-tom. Não duvido que seja possível obter tonalidades em várias técnicas de gravura, mas não serão a reprodução das tonalidades do original. Esta reprodução mais “fiel” só foi possível com a Fotografia e a Fotogravura, deixando claro que isso só é possível com o “truque” de transformar o meio-tom em retícula. Hoje esse reticulado está tão microscópico que quase não é percebido.

Você escreveu também que eu me confundi ao separar as tarefas do desenhista e do gravador e que geralmente o gravador é autor de seus próprios trabalhos. No texto introdutório do livro “Dom Quixote” da Opera Graphica: “Há registros de que (Gustave Doré) esboçava os desenhos diretamente na madeira e os repassava a seus auxiliares para que terminassem de gravá-los. Teria empregado perto de 40 gravadores, que escolhia com muito rigor e cobrava resultados de modo implacável. Ficaram conhecidos, entre outros, Pisan, Pannemaker e Jonnard – os três chegaram até a co-assinar parte de suas obras...”. O mesmo verbete “gravura” da “Larousse” diferencia: “Gravura de reprodução, aquela cujo tema não é de autoria do gravador; Gravura original, aquela cujo motivo é de autoria do próprio gravador”.

Quanto à sua constatação sobre a melhor qualidade de impressão dos primeiros “O Tico-Tico”, não creio que se deva a uma superioridade técnica da litografia sobre o off-set, por exemplo. Imagino que as melhores máquinas de off-set produzem impressões tão boas quanto as melhores impressoras litográficas. Acontece que a maior parte das máquinas que existem por aí produz impressões de baixa qualidade. E no primeiro mundo também é assim. Jerry Dumeas, auxiliar de Mort Walker, declarou que decidiram parar de colocar retícula nos uniformes dos soldados em ‘Recruta Zero’, pois na maioria dos jornais, as impressoras de baixa qualidade juntavam os pontos da retícula transformando-a num borrão preto.

Essa discussão sobre a possibilidade de reproduzir o meio-tom, com todo o histórico que apresentei no encarte, pode parecer um problema do passado, já superado pela tecnologia atual. Em pleno século XXI, eu não arrisco produzir originais de HQs com meio-tom (com aguada ou feita somente a lápis), o que muito me agradaria, pois sei que não conseguiria reproduzi-la com qualidade no “QI”. Basta dar uma olhada nas 4^{as} capas do “QI” para ver que raramente um desenho com meio-tom conseguiu uma impressão razoável. O resultado mais desanimador que apareceu no “QI” foi no n° 105, em que a fotografia de Diamantino Silva foi praticamente transformada num fundo negro.

Sobre as revistas de armar, sim, há muito material ainda hoje à venda em livrarias e também nas bancas. Lembro-me de ter comprado uma revista nos anos 1980, que não possuo mais, que vinha com as peças para montar em cartão o avião do filme “Batman” do Tim Burton. Esse tipo de marketing também é usado. Há alguns meses, saiu uma revista do Ben 10 com a van do personagem para montar. E acabou de sair uma edição da revista “Fiat-Fun” que, entre outras atividades, traz um carrinho de papel para montar. Há poucos meses, saiu um álbum de figurinhas das Princesas que trouxe as peças para montar um castelo. Não é raro se achar esse tipo de passatempo embutido em alguma revista, a “Recreio” moderna às vezes ainda faz isso – ainda tenho uma espaçonave enorme que saiu em um dos primeiros números da nova série. Quando publicou a coleção Mitologia, a revista distribuiu um templo grego para armar. Outra revista que distribuiu brinquedos de armar foi a “Art Attac”, uma revista de atividades artísticas da Disney que trouxe como brinde alguns monstrinhos para montar em papel. A coleção de miniaturas Gogo’s também distribuiu, há alguns anos, uma edição com um toy em papel, que servia também como caixa para guardar os Gogos. Ambas publicadas pela Panini. No início do século, Marcatti publicou duas edições da revista “Miniaturas de Papel”, pela editora Escala, com vários modelos de automóveis, direcionado especialmente para jovens. De vez em quando acho, nos sebos, publicações sobre o assunto que me eram absolutamente desconhecidas. Por exemplo, os livros “Aeroplanos e Aviões: Como Fazer e Montar” e “Automóveis: Como Fazer e Montar”, ambos da Coleção Fim de Semana, da Cedibra, publicados em 1981. Também achei a revista “Carrinhos para Recortar e Montar”, da editora Minuano. Não há data na revista, mas ela é de sete ou oito anos atrás. Também achei a revista “Foguete”, da coleção Monte e Brinque da Abril Jovem. O da casa assombrada e do navio pirata, infelizmente, eu não tenho. Mas tenho em minha coleção uma série de modelos dos anos 1970, da gráfica Ambrosiana, que eram vendidos nas Lojas Americanas, com animais e aviões de papel para montar. Mas concordo que poderia ter muito mais. No exterior há muitas revistas sobre o assunto, com modelos que vão desde os indicados para crianças, bem simples e coloridos, até os mais sofisticados, para veteranos, com milhares de peças, verdadeiros quebra-cabeças. Sites como da Canon, por exemplo, oferecem todo tipo de modelos, muito bem feitos e gratuitos, para crianças, jovens e adultos. Na verdade, a arte renasceu com a internet, porque agora é muito fácil encontrar modelos de todo tipo e qualidade, de graça ou por preços muito baixos. Os modelistas baixam os arquivos e imprimem eles mesmos, de forma que não há mais por que esperar que sejam publicados, embora muitos ainda apreciem montar modelos impressos em gráfica, por causa do brilho da impressão. Mas a maioria dos modelistas veteranos prefere pintar os modelos depois de montados, de modo que não há nenhuma necessidade que sejam impressos em larga escala.

Sobre o artigo dos desenhos, não estou contestando suas conclusões. O que eu contestei foi sua premissa de que isso ocorreu devido ao processo de reprodução de imagens pelo sistema de gravura ser artisticamente insatisfatório. Porque não era de forma alguma, pelo contrário, ainda hoje não há nenhum outro método de reprodução de imagens que tenha melhor qualidade que a gravura, seja ela em metal, madeira ou em pedra. O off-set pode até apresentar mais detalhes do que a xilogravura, mas ainda está longe de atingir a qualidade de reprodução do metal e da litografia. Portanto, não foi por isso que os desenhistas simplificaram os desenhos nos quadrinhos.

Mais provável é que os quadrinhos se desenvolveram nos jornais, que sempre foram os primeiros veículos a implementar os processos gráficos mais modernos, primeiro com os clichês e depois com o fotolito, que eram mais baratos e rápidos, mas muito ruins mesmo, ainda piorados pela baixa qualificação dos impressores, do excesso de trabalho e da manutenção deficiente das impressoras. Percebemos claramente o quanto esses componentes “humanos” interferem no processo, por exemplo, comparando a impressão das mesmas histórias de Tex publicadas pela Vecchi, cujas chapas eram gravadas pelo processo fotomecânico, e pela Mythos, que usa as chapas CTP, gravadas diretamente do arquivo digital, sem fotolitos. Os desenhos das revistas da Vecchi, de 30, 40 anos atrás, geralmente são bem melhores, mais nítidos e detalhados. Não porque o processo digital que a Mythos usa seja conceitualmente pior, mas porque os profissionais da Mythos certamente são menos caprichosos e qualificados que aqueles que trabalhavam na Vecchi.

Concordo com o que você disse, que a qualidade do desenho é secundária numa HQ, pois é a narrativa que vale. Não há dúvida que os desenhistas sabem disso, e não vão perder tempo caprichando totalmente em cada quadrinho de uma HQ para que depois ela seja maltratada na gráfica. Sem esquecer que os desenhistas de quadrinhos sempre foram uma categoria muito mal paga. Um ilustrador em início de carreira pode receber facilmente 500 dólares por uma única ilustração editorial, mas dificilmente receberá isso por uma página de quadrinhos. Ora, está claro que não era possível para o artista, de modo algum, despender em uma página de quadrinhos o mesmo tempo investido na realização de uma ilustração editorial. Penso que isso foi muito mais determinante para definir a qualidade dos desenhos nos quadrinhos do que qualquer questão gráfica envolvida no processo editorial.

O processo off-set poderia ser melhor, mas o que temos no Brasil é ridículo em qualquer ângulo que se observe. A palheta de cores é rasa, todos os processos de seleção sujam o amarelo, e a imagem fica embaçada mesmo quando se usam 180 linhas por polegada, as máquinas são antigas e sucateadas e, não raro, os impressores se apresentam para trabalhar embriagados.

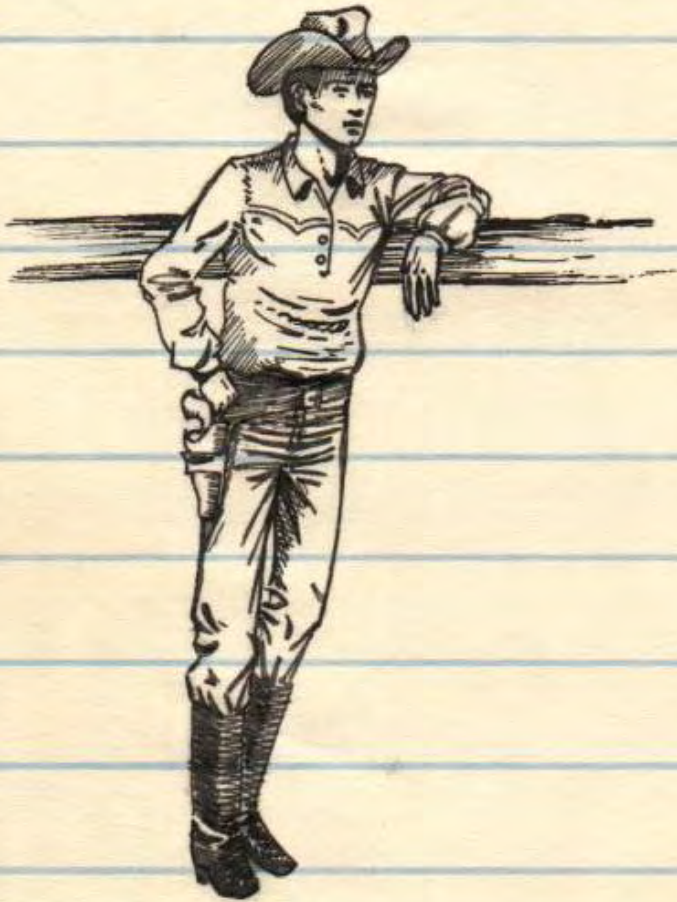
O próprio off-set tem um processo de policromia desenvolvido na Alemanha que, além das quatro cores básicas que já conhecemos, usa mais uma chapa de laranja e outra de verde, para melhorar a profundidade dessas cores que, junto com o marrom, são as mais prejudicadas no off-set. O processo existe há décadas, mas nunca foi usado no Brasil, porque a retícula é diferente e as gráficas brasileiras não têm maquinário para usá-la. Chama-se retícula estocástica e ela é formada por pontos aleatórios e não alinhados, de forma que se pode usar muito mais do que as quatro inclinações da quadricromia. Já vi impressos importados do Japão e da Alemanha com até 12 cores combinadas em retículas estocásticas, sem o menor sinal de moirê. Mesmo assim, ainda não ombréia o espetáculo de uma litografia original autêntica. Basta ver o que fizeram os mestres da arte para perceber o quanto os processos gráficos modernos estão distantes do que se poderia obter no que se refere à qualidade de impressão.



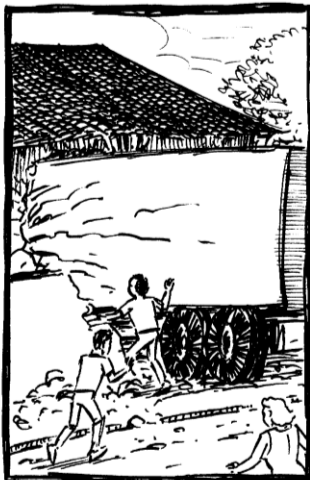


Quando terminei o curso de Engenharia, em 1981, por um capricho do destino, coube a mim fazer cartuns representando situações acontecidas com cada colega formando. Durante os últimos meses do ano, foram coletadas histórias ocorridas com cada um, para que eu fizesse o correspondente cartum. Deu um trabalho que merecia uma história, não consegui fazer de todos, mas fiz da maioria. Cada quadro foi entregue ao respectivo aluno, eu não tirei cópia de quase nenhum, mas fiquei com 2 originais, que não foram entregues a tempo. Este, acima, é um deles.

Chet



Do Fundo do Baú – feito na época que a revista “Chet” da editora Vecchi frequentava as bancas.



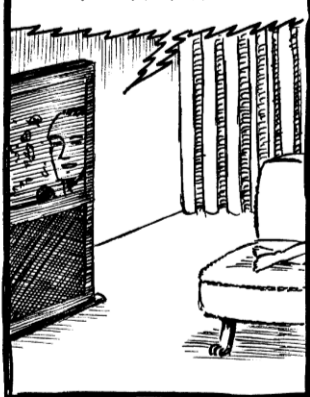
UM TRÁGICO ACIDENTE
OCORREU HOJE NO SUBÚRBO
DA CIDADE...



AO VOLTAR PARA CASA, UM
CAMINHONEIRO, AO QUE
PARECE, DORMIU AO VOLANTE



O CAMINHÃO BATEU DE
FRENTE NA RESIDÊNCIA...



VITIMANDO TODA A
SUA FAMÍLIA...



OI, BELEZA! NÃO SOU
QUEM VOCÊ ESPERAVA?
MUDANÇA DE PLANOS.



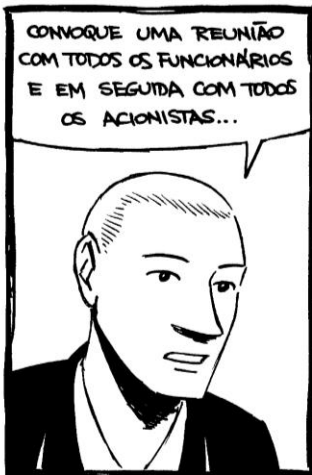
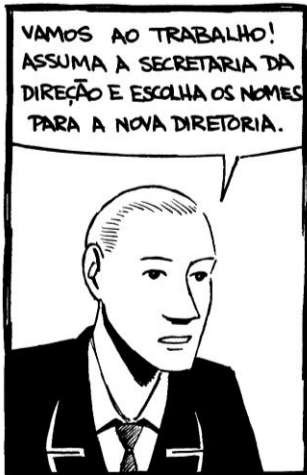
SEU CONDOMÍNIO TEM UMA
SEGURANÇA MUITO BOA...

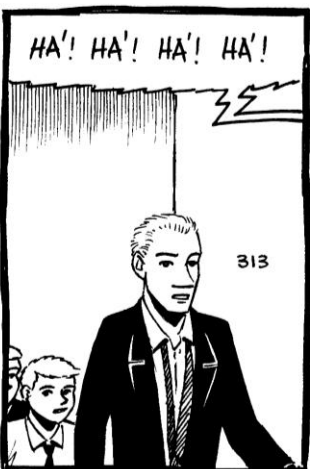
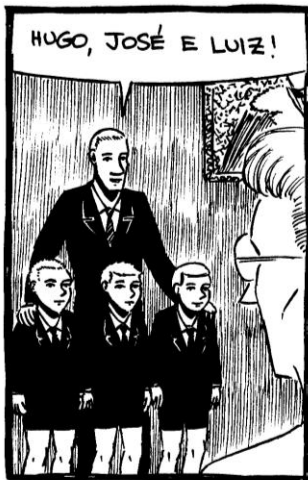


DEU O MAIOR TRABALHO COLOCAR A RAPAZADA
TODA AQUI DENTRO.









cotidiano alterado



edgard guimarães – março de 2012

outros cotidianos alterados



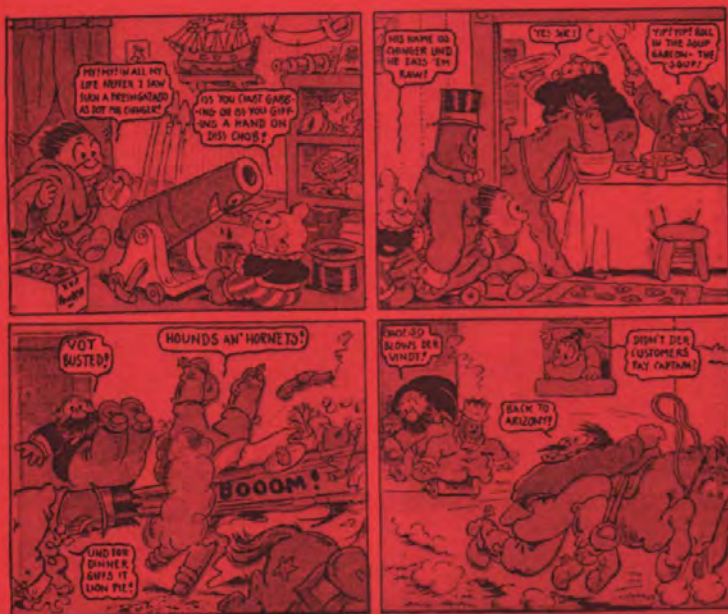
WEE WILLIE WINKIE'S WORLD – Uma das duas obras em quadrinhos de Lyonel Feininger, nascido norte-americano de pais alemães, com formação artística feita na Europa. Feininger já publicava trabalhos em revistas francesas e alemãs, quando em 1905 foi convidado para criar uma série de quadrinhos para atrair os leitores de origem alemã da cidade de Chicago. Pelo próprio título de sua primeira série, 'The Kin-der-Kids', que estreou com estardalhaço em 29 de abril de 1906, a intenção dos editores era fazer concorrência direta com 'The Katzenjammer Kids'. Mas esqueceram de avisar Feininger, e ele fez o que quis de seus kids, soltando-os pelo mundo a bordo de uma banheira. A série foi encerrada por Feininger em novembro de 1906, por causa de desentendimentos com o jornal. Antes, porém, em agosto de 1906, Feininger havia lançado outra série de quadrinhos, 'Wee Willie Winkie's World', encerrada também prematuramente em janeiro de 1907. Ao contrário do mundo populoso dos Kin-der-Kids, o mundo de Willie só é habitado por ele. Sempre sozinho em meio a uma natureza que, se não chega a ser perigosa, é no mínimo opressiva. Árvores enormes, nuvens ameaçadoras, edifícios inamistosos, tudo ganha vida para intimidar a figurinha insignificante de Willie. A arte de Feininger tem suas raízes nas artes plásticas europeias, de onde saiu discípulo, mas também aponta para novas tendências que surgiriam depois, como o Cubismo. Não é por acaso que Feininger, encerrando sua carreira de menos de um ano nos quadrinhos, dedicou-se principalmente à pintura até sua morte em 1956. 'The Kin-der-Kids' teve todas suas páginas compiladas em recente álbum gigante a cores pelo editor português Manuel Caldas.

cotidiano alterado



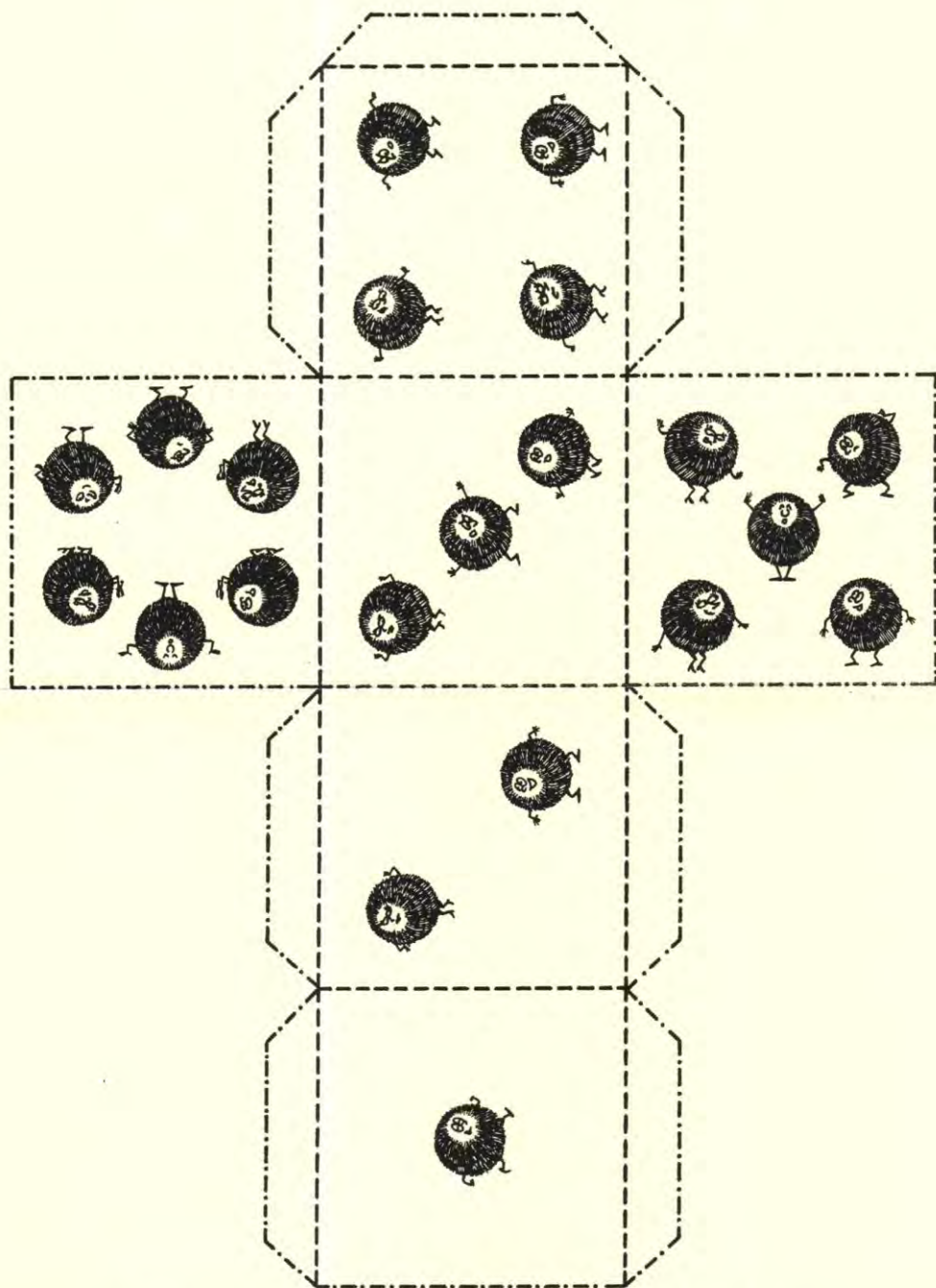
edgard guimarães – março de 2012

outros cotidianos alterados



THE KATZENJAMMER KIDS – Criada por Rudolph Dirks, alemão radicado nos EUA, sob encomenda, para emular os pioneiros Max e Moritz, criação de Wilhelm Busch na Alemanha em 1865. Os garotos, cujo sobrenome ‘esgoela-gato’ já diz a que vieram, começaram a ser publicados em 1897 e vieram a público sob este nome e sob Dirks até 1914. Dirks quis ganhar mais em outro jornal, o jornal original não quis deixar, a justiça foi chamada e deu de Salomão. Dirks imediatamente continuou a série no novo jornal, no início sem nome algum, em 1915 batizada ‘Hans e Fritz’ e em 1918 com o definitivo ‘The Captain and the Kids’. Sob batuta de Dirks, e depois de seu filho John Dirks, esta série durou até 1979. O jornal original ficou dono do nome e também com direito a produzir a série, que foi entregue aos cuidados de Harold Knerr. Esta variante da série continuou em produção por vários outros artistas, virou o século XXI e dizem que ainda é produzida. As duas vertentes da série mantiveram acirrada concorrência por muito tempo sem que a peteca caísse para qualquer lado. No Brasil, as duas séries foram muito publicadas, normalmente com o nome ‘Os Sobrinhos do Capitão’, parentesco inventado por aqui.

História em QuaDadinho



----- cortar

----- dobrar

 colar